



Sociologia no Ensino Médio

Ensino de Antropologia

Territórios, pessoas e plantas: um caminho para a produção de arte e antropologia

Eduardo Silveira Bischof

2025

Apresentação

Professores e estudantes, este material didático é baseado na atividade criativa, reflexiva, produtiva e colaborativa de vocês. Esperamos que com os convites para os **Encontros, Correspondências e Movimentos** a seguir vocês possam caminhar conosco na observação do mundo e dos movimentos que o compõem, sentindo-se provocados a criar elementos artísticos que apresentem reflexões antropológicas a partir das diferentes visões de mundo e modos de vida.

Este material funciona melhor como recurso digital em leituras coletivas ou individuais com acesso aos *links online de páginas e mídias* recomendadas. Esperamos que as aulas de Sociologia sejam um espaço para aberturas generosas aos conhecimentos e à vida.

As Ciências Sociais possibilitam refletir sobre o mundo em que vivemos e também conhecer outros modos de vida que desconhecemos. Com o olhar sociológico podemos identificar regras, recorrências, instituições e comportamentos que são criados por relações sociais que nós humanos compomos com outros seres, instituições, objetos, conhecimentos, símbolos, etc. Nesta proposta de diálogo formativo queremos usar a **antropologia como forma de conhecer as múltiplas possibilidades de modos de vida**.

A antropologia tem a qualidade de ser uma forma de prestar atenção aos conhecimentos e movimentos no mundo pela percepção das diferenças que constituem as diversidades humanas e mais-que-humanas.

É também uma forma de nos conhecer e *aprender com os outros* a partir de um olhar comprehensivo mas que questiona e estranha a si e aos outros. Nos faz refletir sobre o mundo em que vivemos e estimula a curiosidade sobre as diversidades dos modos de vida. A antropologia reconhece mundos e acontecimentos que escapam à razão e coloca-se em engajamento e parceria *com* outros povos do mundo na tentativa de acompanhar os fluxos de vida e seus pontos-de-vista sem julgamentos e juízos de valor.

Ao longo deste material queremos propor a antropologia como uma forma de *estar com pessoas e mundos* que talvez nunca vamos acessar presencialmente ou que nem imaginamos que possam existir. Queremos colocar a **antropologia e as artes como forma de contato**, de tradução e de conexão que possam trazer às nossas vidas outras tantas possibilidades de existir e viver que criam diversos mundos, conhecimentos e tecnologias.

As propostas são simples e são baseadas nas ações de leitura e diálogos entre estudantes e professores. Ler juntos é fundamental e bastante legal! As atividades são compostas por desenhos e diálogos motivados pelo trabalho de pesquisa como princípio formativo.

Nas seções **Encontros** fazemos leituras, observações teóricas e etnográficas, encontramos com as coisas do mundo; nas **Correspondências** queremos que vocês reflitam e respondam aos processos e fenômenos do mundo partilhando conhecimentos e diálogos na escola; e nas seções **Movimentos** procuram-se os desenhos, os gestos e traços, as criações artísticas e atividades que mobilizem conhecimentos para a produção de arte e antropologia na escola. Divirtam-se! Boa Leitura!

Parte I: Ver o mundo e desenhar com o mundo

Encontros

Debates e reflexões começam com temas. As relações humanas são mediadas por conteúdos. Aqui, queremos levantar questões sobre as formas de habitar o mundo e construir ambientes enquanto territórios de interações e relações sociais.

Ao transitar pela cidade ou pelas zonas rurais percorremos caminhos acompanhados de diversas pessoas e seres, estes últimos visíveis ou invisíveis, pertencentes a diferentes reinos e espécies com as quais interagimos. Nossos caminhos contam com árvores, rios, córregos, plantas, tipos de solo. Vemos animais domésticos e outros silvestres e livres. Plantas cultivadas e outras espontâneas. Mas como podemos aprimorar nossa visão sobre os lugares que habitamos e sobre a diversidade de formas de habitar o mundo?

Afinal, o que percebemos ao nosso redor e o que deixamos de ver? Como o caminho para a escola ou uma ida ao parque podem nos abrir caminhos para os conhecimentos em ciências sociais? Vamos começar lendo uma poesia:

A ciência pode classificar e nomear todos os órgãos de um sabiá mas não pode medir seus encantos.

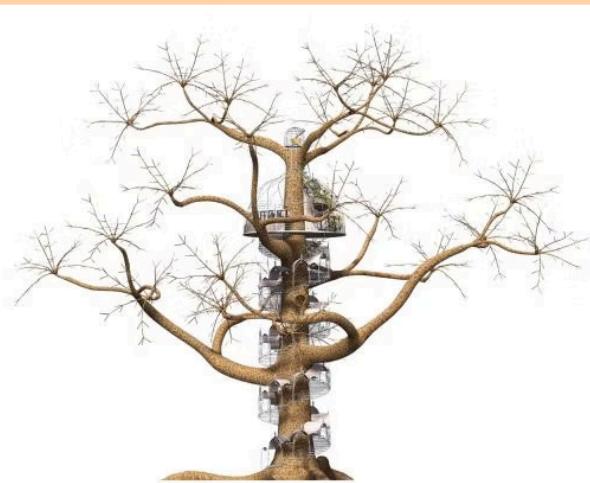
A ciência não pode calcular quantos cavalos de força existem nos encantos de um sabiá.
Quem acumula muita informação perde o condão de adivinhar: *divinare*.

Os sabiás divinam. (BARROS, 1996, p. 53)

Movimentos

Individualmente, produzam desenhos a partir das percepções e sentimentos que a poesia provoca e procurem apresentar os elementos do texto e sua narrativa. O que essa poesia conta?

Atenção: não é preciso compor um cenário e uma totalidade coerente, o importante é desenhar.



Correspondências

Dialoguem com os colegas no espaço escolar sobre os significados da poesia do escritor Manoel de Barros, escritor do estado de Mato Grosso do Sul.

*Anotem **palavras** ditas pelos colegas sobre as percepções que tiveram sobre a poesia. Abaixo algumas questões que podem auxiliar o diálogo da turma:*

Como as personagens da poesia se relacionam?

Através de quais sentidos da percepção humana o poeta descreve os seres e sensações da poesia?

Como nossas formas de ver o mundo são questionadas pelo escritor?

Quais palavras da poesia podem se relacionar com a noção de "ciência"?

Clique aqui

Não vamos partir sem antes prestar atenção nas diversas cores, plumagens e ambientes das espécies de sabiá que existem no Brasil, vejam no link acima.



Encontros

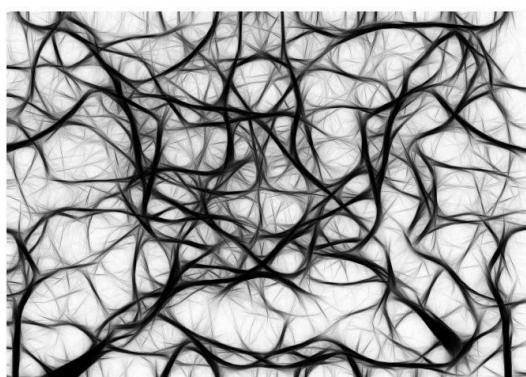
A poesia de Manoel de Barros com seus encantos e observações é resultado da relação atenta do escritor com o sabiá, cujo canto o encanta.

Por outro lado, o poeta apresenta questões sobre o que podemos ver com o olhar racional e orientado para a construção da ciência e o que não alcançamos ou deixamos de perceber com este mesmo olhar. O uso da palavra em latim *divinare* (que deriva de *divinus*, daquilo que é divino e relativo a Deus) indica que há elementos que escapam da racionalidade e do pensamento científico. Coisas que nos encantam e causam admiração. Temos pensamentos e formas de agir que são do campo das emoções, das crenças e das diferentes formas de conhecer e interpretar o mundo, como as ciências, as artes e as religiões. Convivemos e agimos emaranhados nessas tramas de valores, formas de conduta e de pensamento.

A escola é o ambiente que permite aos estudantes e professores aprenderem juntos em cooperação e colaboração, mediados pelas ciências, linguagens, artes e filosofia acerca do mundo.

Na escola podemos desenvolver olhares e percepções para as coisas e fenômenos do mundo com uma *atenção* diferente da praticada cotidianamente. Esta visão despreocupada e cotidiana é permeada pelo conhecimento científico e pelo conhecimento de senso comum. Conhecimentos fundamentais para a convivência, a comunicação e práticas diárias.

Embora menosprezado, o conhecimento de senso comum é historicamente construído e nos ajuda a estabelecer regras, avaliar o que é de "bom senso" em um determinado contexto a partir de convenções e imposições. Ele provoca o surgimento e consolidação de diferenças, de hábitos, ideias e condutas. Como sugere o antropólogo estadounidense Clifford Geertz (2009, p.117), o senso comum é um sistema cultural que pode ser discutido, ensinado, modificado e é variável entre diferentes pessoas e entre diferentes sociedades. Em antropologia seria um equívoco observar o senso comum apenas como conjunto de obviedades. No subúrbio das ciências, das artes e da filosofia nos interessa conhecer o aprofundamento que as variadas formas de vida humana podem alcançar utilizando técnicas, ideias, narrativas, etc, sem reduzi-las ao termo "senso comum" ou sublimadas na simplificação do uso do conceito de "cultura". Afinal, "as coisas têm o significado que lhes queremos dar", diria Geertz.



É sempre possível misturar conhecimentos e observar como as diferentes realidades sociais se relacionam com fenômenos naturais. Perceber a impossibilidade de separar as nossas ações e relações do ambiente, disto que chamamos de natureza e também cidade. Perceber a complexidade da vida, que é em si mesma inter e transdisciplinar. A vida se desenrola por caminhos que transcendem as divisões disciplinares.

Fonte:

<https://pixabay.com/pt/illustrations/rede-vime-fio-tecido-malha-440737/>

A antropologia consegue se colocar como uma alternativa de diálogo com outras formas de vida e de conhecimento ao aceitar e compreender a existência plena e completa de outras visões de mundo que possuem coerências e incoerências próprias, assim como nós, observadores de determinado assunto, temos as nossas também.

O cuidado e a atenção que podemos ter com outros saberes e conhecimentos, outras vozes, povos, coletivos e sujeitos podem ser formados e exercitados.

Nossos olhares e atitudes se abrem, *aprendem com as diferenças*, se transformam com a percepção de que o mundo que é feito por diferentes seres e fenômenos em relações, em parcerias, cooperações e produções que dão sentido à vida e implementam as diferenças nas formas de existir e habitar o mundo.

Essas *experiências de vida* que enxergamos pelas *lentes das diferenças* e da diversidade abrangem as técnicas e tecnologias de diferentes povos e comunidades, suas formas de produzir e circular bens materiais e imateriais, as organizações familiares e sociais, danças, música, narrativas históricas e religiões que colocam a *antropologia como uma forma de educação da nossa atenção*.



Aldeia Guabiju, da etnia Mbyá Guarani no Rio Grande do Sul. Foto: Divisão Indígena DDAPA/SEAPDR.

Fonte: <https://www.agricultura.rs.gov.br/aldeias-guarani-receberao-plantio-de-6-mil-mudas-florestais-e-recuperacao-de-areas-degradadas>

Um tema recorrente para a antropologia que investiga outras formas de vida, diferentes maneiras de construir relações sociais e de produzir conhecimento, são os **povos indígenas**. No Brasil e na América do Sul há uma grande diversidade de populações indígenas que vivem em diversos ambientes com diferenças de relevo, clima e vegetação. Apenas no Brasil são mais de 300 povos indígenas. Suas diferentes visões de mundo, formas de vida e línguas formam diferentes etnias e culturas que ultrapassam os limites dos estados brasileiros e de países da América do Sul.

Essas diferenças e diálogos permitiram e ainda possibilitam intercâmbios e negociações entre povos e comunidades na tarefa de habitar o mundo, cultivar a terra, produzir técnicas e tecnologias e levar adiante suas próprias histórias coletivas, ou seja, reproduzir e dar continuidade às suas vidas e suas comunidades.

Podemos compreender **as populações indígenas como exemplos de povos que possuem outros pontos de vista sobre a Terra, sobre a história, a humanidade** e consequentemente constituem outras formas de habitar o mundo e definir o que chamamos de **território**.

Entretanto, é preciso tomar cuidado com generalizações, afinal os povos indígenas não são todos iguais. Nossos conceitos e expectativas não devem gerar olhares e descrições que buscam encaixes ou ausências sobre os outros (argumentos como "eles não têm religião" ou "eles possuem uma noção de território e de arte"). A antropologia não está em busca de cumprir um questionário de itens para descrever o que seria afinal uma sociedade ou uma cultura e quais seus elementos presentes e ausentes, pois entende que estes são critérios modernos e ocidentais que fundamentam uma forma específica e histórica de conceber o mundo e separá-lo entre natureza e cultura.

É preciso ter em mente que as diversas experiências coletivas e históricas de povos indígenas diferentes formaram tradições distintas, com uma grande diversidade de formas de vida que se expressam em:

“**(...) milhares de diferentes sistemas, cada um com coordenadas culturais e rituais específicas, em vez de um sistema unitário. Cada sistema de conhecimento tradicional está vinculado a um povo ou grupo social específico e tem sido elaborado em contextos históricos e biofísicos distintos, desenvolvendo tecnologias particulares e constituindo-se em tradições próprias. (LITTLE, 2010, p.13)**

Antes de avançarmos no tema dos territórios, vamos refletir juntos sobre o que a antropologia nos permite aprender a partir da experiência *com o outro*.

Propomos aqui a antropologia como uma abertura para *conhecer com os outros, estar com os outros e criar conhecimento com os outros*. Considera as nossas diferenças e semelhanças para refletir e recriar os critérios para os diálogos e as comparações entre povos e culturas. Vejamos o que o antropólogo Tim Ingold nos diz a respeito da antropologia como uma forma de conhecimento que está em movimento, em uma caminhada aberta, como:

“ (...) uma busca generosa, aberta, uma investigação comparativa e ainda assim crítica sobre as condições e potenciais da vida humana no único mundo em que todos habitamos.

É generosa porque presta atenção e responde ao que as outras pessoas fazem e dizem. (...) A antropologia é aberta porque seu objetivo não é chegar a soluções finais que encerram a vida social, mas, antes, revelar os caminhos pelos quais ela pode continuar. (...)

A antropologia é comparativa porque reconhece que nenhuma maneira de ser é a única possível, e que, de todas as formas que encontramos, ou que resolvemos seguir, poderiam ser escolhidos caminhos alternativos que levariam em direções diferentes.

(INGOLD, 2019, p.85).

”

Ao falarmos de ambientes e territórios utilizamos e acessamos diversas classificações científicas (demográficas, geológicas, botânicas, topográficas, linguísticas, religiosas, étnicas) todas elas informadas e fundadas sobre acordos e convenções científicas e culturais. Como somos seres socializados em uma cultura que nos envolve pelas relações familiares, pela escola, pelas mídias e pelos conhecimentos, temos alguma ideia sobre o que seja o Pantanal, por exemplo, do ponto de vista geográfico, zoológico e hidrográfico.

Infelizmente, também sabemos sobre as queimadas e incêndios criminosos que envolvem a ocupação ilegal de terras, o desmatamento e a violência contra povos e comunidades no bioma Pantanal.



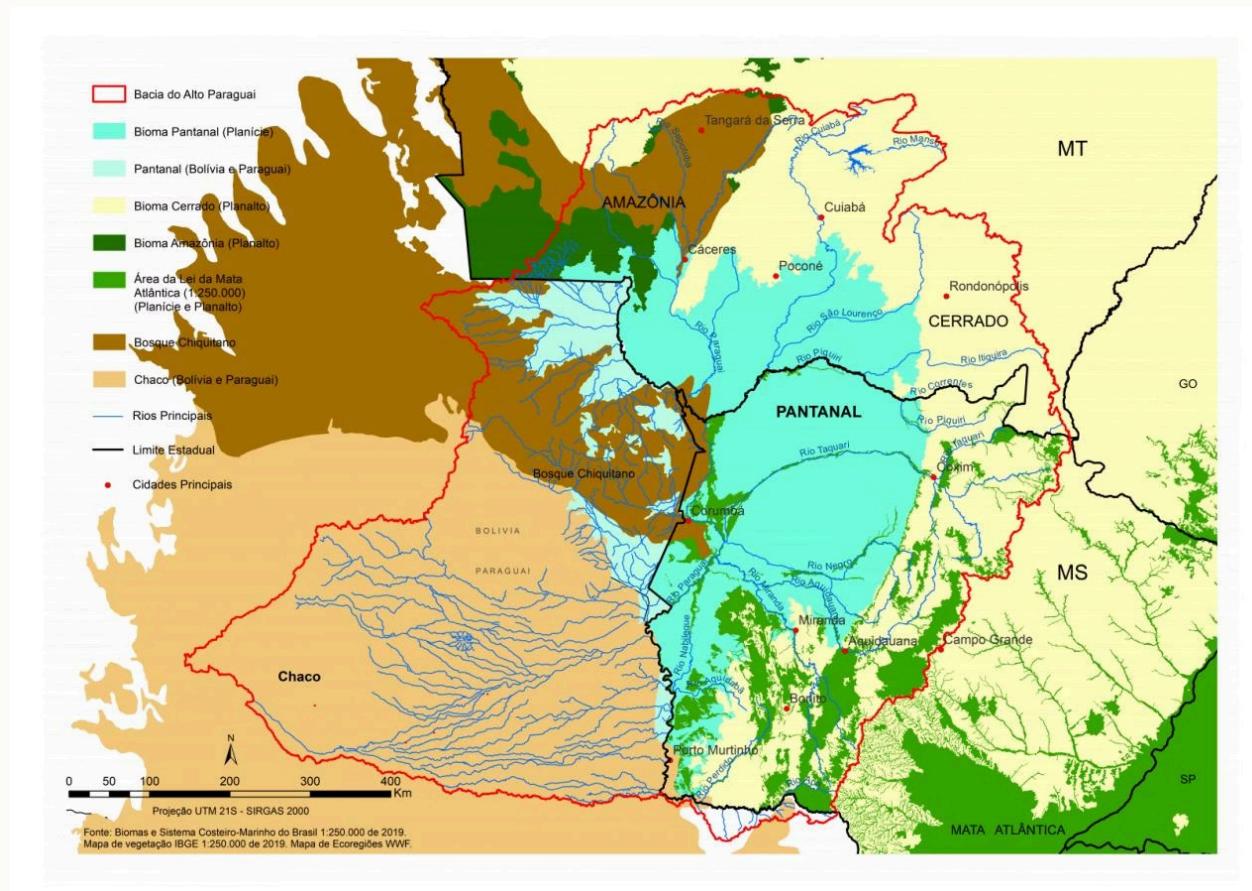
"Queimadas criminosas no Pantanal observadas pelo povo pantaneiro." Foto: Lalo de Almeida.

Fonte: <https://midianinja.org/historias-do-pantanal/> (2020)

Made with **GAMMA**

Movimentos

Observem o mapa a seguir e promovam diálogos para trocar percepções e ideias. A seguir estão algumas questões como sugestão para começar a conversa:



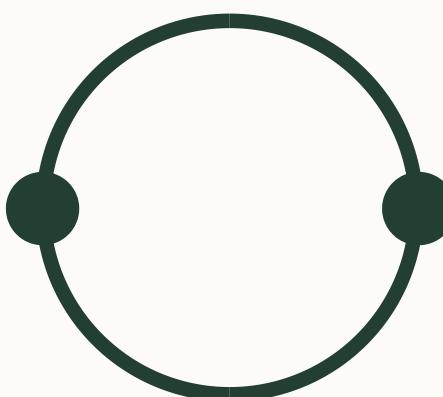
Fonte: <https://www.sospantanal.org.br/quais-biomas-cercam-o-pantanal/>

Qual região da América do Sul e do Brasil o mapa apresenta?

Quais são os conhecimentos necessários para compreender o mapa acima?

Quais são os principais elementos do mapa? Eles tratam de quais aspectos da vida na Terra?

Em qual bioma vocês vivem? Quais são as características, plantas e espécies que o compõem?



Vamos ler o texto abaixo sobre o conceito de território para questionar se o mapa acima consegue expressar o que é um território? Sob qual ponto de vista? Argumentem e façam desenhos sobre os elementos que podem contribuir para elaborar mapas mais amplos e diversos para apresentação de um território.

- "O conceito de território distingue-se política e analiticamente da noção de terra, entendida como suporte material, passível de ser submetida a formas de mensuração e avaliação estritamente objetivas (como extensão, valor monetário e produtividade) e sujeitas a saberes econômicos e agronômicos. Território, ao contrário, aponta para uma relação simbólica com a terra, entendida como suporte de vínculos qualitativos baseados em determinada história de ocupação. Sob esse ponto de vista, privilegiado pela Antropologia, o conceito de território singulariza a terra: ao lhe agregar sentidos produzidos pela experiência social e resultantes da história de ocupação de um espaço por um ou mais grupos particulares, a terra propicia a criação de relações e costumes específicos, ou seja, ela inaugura a cultura e a identidade.

É essa passagem da noção de terra (objeto material geral e mensurável) para a de território (relação qualitativa tramaada sobre e com um espaço singular) que está em jogo quando se fala em territórios indígenas e quilombolas, por exemplo. Esse conceito é incorporado pelo ordenamento jurídico brasileiro quando se reconhece a necessidade de incluir no processo de regularização fundiária das terras indígenas e quilombolas não apenas razões fundiárias e agronômicas, como ocorre em situações de assentamentos urbanos ou rurais, mas também estudos históricos e antropológicos destinados a delimitar a singularidade daquelas ocupações."

Fonte: "Território" disponível em <https://www.ancestralidades.org.br/termos-e-conceitos/territorio>



Desenho de Liça Pataxoop: "Tehêy Origem das plantas". "Tehêys" são imagens produzidas para contar as histórias dos Pataxoop aos mais jovens (o povo Pataxó, habita terras do sul da Bahia e norte de Minas Gerais). Tehêy é também o nome das redes de pesca usadas pelos Pataxoop. Segundo Liça, seus desenhos pescam conhecimentos. Fonte:

<https://piseagrama.org/artigos/kunha-pya-guasu/>

Parte II - Ouvir o mundo e estar atento ao mundo



Guachire Indígenas Guarani Kaiowá dançando guachire. Tekoha Guaiviry, Mato Grosso do Sul, Brasil, 2013. Ruy Sposati/Cimi.
Fonte: EMGC, Equipe Mapa Guarani Continental. Caderno Mapa Guarani Continental: povos Guarani na Argentina, Bolívia,
Brasil e Paraguai (2016)

Encontros

No Brasil e em muitas partes do mundo a consolidação das fronteiras nacionais e modos de ocupar espaços se deu em meio a processos violentos de invasão, extermínio e expropriação de terras dos povos originaários e indígenas. Essas fronteiras e as propriedades privadas não contam as histórias e conflitos que seguem em curso em muitas regiões do país e do mundo, como na Amazônia e no Pantanal, onde povos e populações enfrentam desafios para existirem e habitarem seus espaços de origem, de circulação e de reprodução da vida.

Os mapas nos ajudam a caminhar e percorrer ambientes e conhecer seus elementos, formas e fenômenos: rios, matas, planícies, praias e manguezais. Esses ambientes formam biomas que são resultado de múltiplas e complexas interações ecológicas entre seres vivos, como bactérias, fungos, plantas e animais com os ambientes, com suas variações de solos, luz, umidade e temperatura.

Mapas contam algumas histórias, excluem outras e, também por isso, são documentos políticos, como quase tudo que nos cerca. Político enquanto conceito mais amplo que extrapola divisões partidárias ou o funcionamento dos governos, trata-se da definição ideológica das formas de convivência coletiva. As relações entre nós, seres humanos e outros seres vivos e ambientes cheios de vida, são parte de decisões políticas sobre o que decidimos ser um recurso natural, o que pode ser manejado, o que deve ser preservado, ou o que pode ser transformado em mercadoria, domesticado e comercializado.

Os mapas também são políticos porque representam e materializam as definições do que é um território, suas fronteiras, seus aspectos demográficos, linguísticos, econômicos, etc. Mapas são construções sociais de apresentação e representação de realidades conforme a intenção do seu autor. Portanto, nem todos os territórios cabem em mapas, pois nem todos os povos e pessoas concebem seus espaços de vida a partir de limites territoriais equivalentes às fronteiras nacionais ou ecológicas. Podemos pensar no caso dos povos indígenas Guarani que habitam diferentes biomas do Brasil, como a Mata Atlântica, na faixa costeira e no interior do continente, como nas regiões sul e sudeste do Brasil, assim como habitam o Pantanal e o Chaco no Paraguai e na Bolívia.

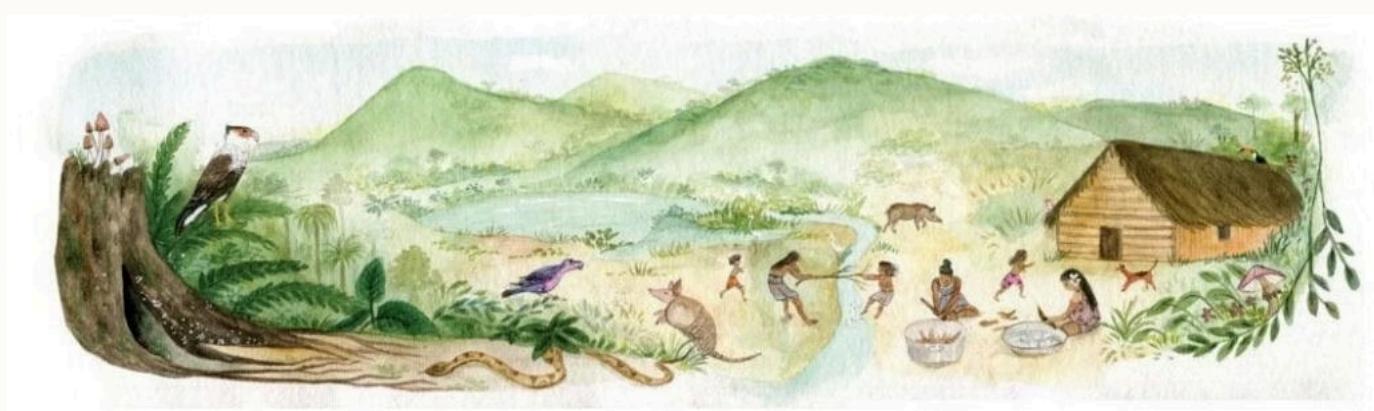
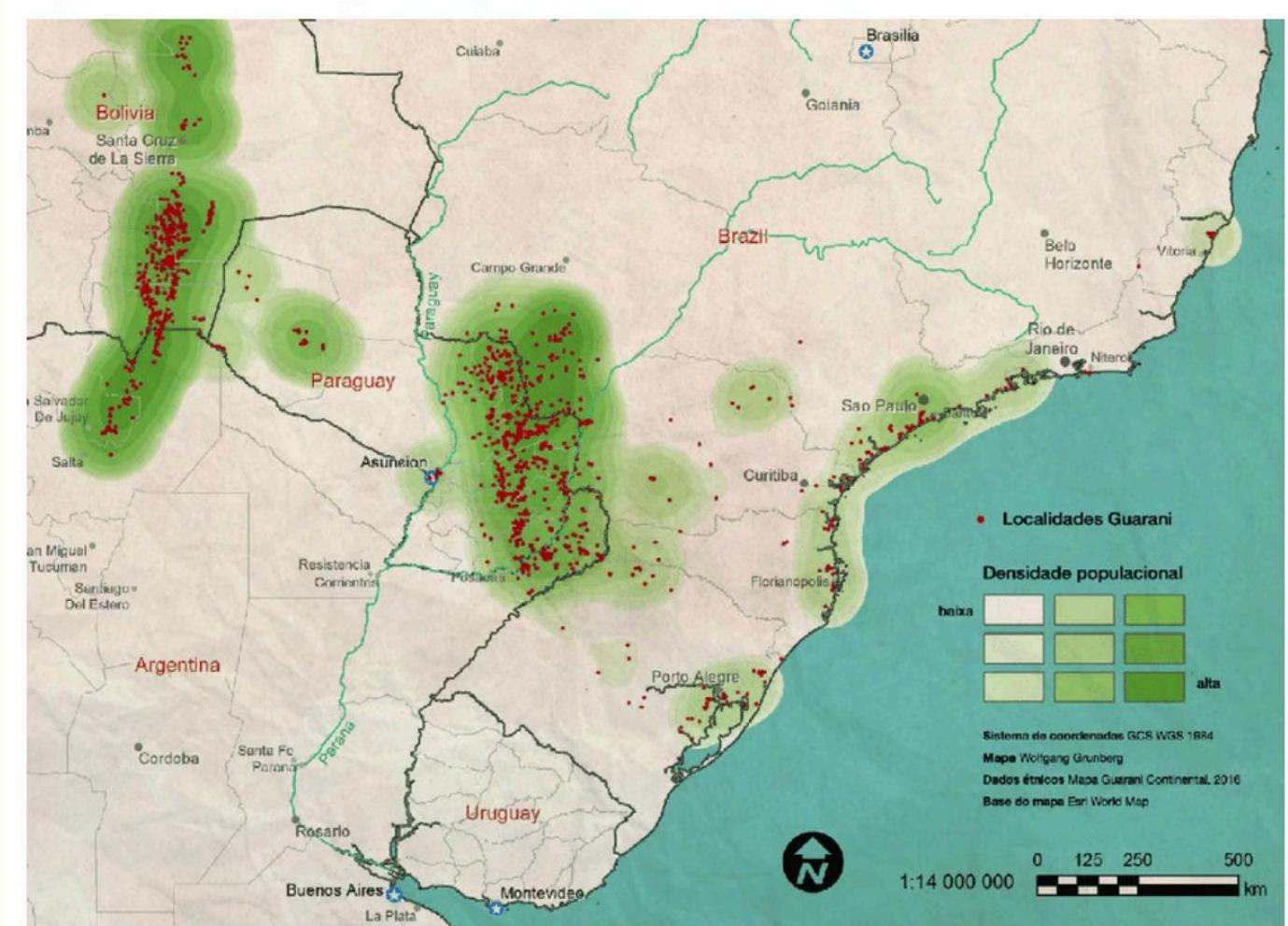


Ilustração: Chana de Moura. Fonte: <https://www.mandalalunar.com.br/cultura-regenerativa/teko-pora-o-sistema-milenar-educativo-de-equilibrio/>

Vejamos o mapa a seguir que informa acerca dos locais de habitação e formação dos territórios onde vivem os povos Guarani no centro-oeste, sul e sudeste do Brasil e regiões da Bolívia, Paraguai e Argentina:



Fonte: Caderno Mapa Guarani Continental: povos Guarani na Argentina, Bolívia, Brasil e Paraguai (EMGC,2016),

Segundo o Instituto Socioambiental (ISA), importante parceiro de pesquisas e fonte de dados para os povos e comunidades indígenas, as populações Guarani, diferenciadas entre si em seus sub-grupos étnicos e linguísticos: **Avá-Guarani ou Nhandevá** (Nhandewa, Ñandeva ou Nhandéva), **Kaiowá e Mbyá**, formam a maior população indígena no Brasil fora da Amazônia Legal.

Conforme o Caderno do Mapa Continental Guarani (2016), no Brasil a população Guarani em terras indígenas, reservas, áreas dominiais, acampamentos e situações urbanas, entre os anos de 2012 e 2015, foi estimada, segundo dados oficiais do Estado e da equipe de autores, em 85.255 pessoas, espalhadas por onze estados nas cinco regiões brasileiras. Vejamos abaixo como o cineasta Guarani Carlos Papá descreve o mito de surgimento dos povos Guarani a partir do Sol:

"Nhamandu fez com que seu próprio corpo surgisse na noite originária. Ele aparece e dilata-se, desdobra-se como uma flor que se abre à luz do Sol. Mas Nhamandu é para si mesmo seu próprio Sol, é ao mesmo tempo o sol e a flor.

Guarani vem de Kuaray ra'y e quer dizer "filhos do Sol".

Abaixo podemos ler um trecho do texto do antropólogo indígena Tonico Benites, da etnia Kaiowá, sobre as autodenominações presentes entre povos indígenas. Fenômeno comum, como no caso Guarani, é um povo utilizar para si mesmo a autodenominação de "pessoa", como no caso de "Avá" entre povos Guarani, ou "gente" "pessoa de verdade", "humano verdadeiro" em outros povos:

No Estado de Mato Grosso do Sul há aproximadamente 45.000 pessoas que pertencem às etnias **Guarani-Kaiowá e Guarani-Ñandeva** e estão distribuídas em mais de 30 áreas, com tamanhos variados e em diferentes condições de regularização fundiária. Há áreas demarcadas, áreas identificadas, e acampamentos aguardando reconhecimento do Estado.

Esses indígenas são conhecidos na literatura como sendo Guarani-Kaiowá e Guarani-Nandéva, embora apresentem muitos aspectos culturais e de organização social em comum. Os Guarani-Kaiowá não se reconhecem como sendo Guarani, mas aceitam a denominação de **Avá Kaiowá**. Por sua vez, os **Guarani-Ñandeva se autodenominam Avá Guarani**.

Fonte: <https://piseagrama.org/artigos/rojeroky-hina-ha-roike-jevy-tekohape/>



Indígenas na assembleia de mulheres Guarani e Kaiowá (Kuñangue Aty Guasu), 2019. Fonte: <https://apublica.org/2019/10/aula-das-guarani-e-kaiowa-na-regiao-mais-perigosa-para-mulheres-indigenas-no-pais/#\>

A diversidade interna do povo Guarani em grupos étnicos que falam variações de uma mesma língua do tronco Tupi-Guarani e se diferenciam por hábitos, versões de mitos e rituais, por variadas formas de ver e habitar o mundo não impede que compartilhem noções e aspectos da vida em comum.

Uma delas é a noção de ***tekoha ou tekoá***: sendo que *teko* remete ao modo de ser Guarani e *tekoha* é onde a aldeia se faz possível, o lugar em que se encontram as condições para que esse modo de ser possa se efetivar, possa existir e dar continuidade às vidas desses povos (*tekoá* para os Mbya; *tekoha*, para os Kaiowá e Nhandéva). Mais que um espaço qualquer, o *tekoha* é um ambiente que permite relações motivadas pelo *nhandereko*, um modo de vida ou um jeito de viver coletivamente que garante sua própria manutenção e reprodução. É na tradução da professora e antropóloga do povo guarani Sandra Benites (2015) que encontramos a compreensão do "nhandereko – nosso jeito de ser e viver". Vejamos como ela se refere ao seu modo de viver e a relação que isso possui com a noção de *tekoha*, de ambiente para a vida dos povos Guarani (muitos sons da língua Guarani são nasais, como o *Y* de *opy*, que se pronuncia opã):

“Para nós Guarani, é importante ter no nosso *tekoá* *yxyry* [água corrente], *yakā porã* [nascente de água], ter mata com variedades de árvores, plantas medicinais e diversos bichos, lugar para fazer nossa roça: plantar milho (*avaty ete* principalmente), melancia, amendoim, comandai, banana, mandioca. Não pode faltar a *opy* [casa de reza] – referência do *mbya arandu* – **conhecimento guarani**, lugar onde discutimos saúde, educação, nossa vida. Aqui é o princípio da nossa forma de ser, é o lugar onde praticamos *nhandereko* – o jeito de ser e viver guarani. É na *opy* que as crianças tristes e doentes recuperam *vy'a* – alegria. Também se a criança for muito agitada, chorona, fazemos um ritual na *opy* para que ela se acalme, deixe de chorar muito. (...) Este **tekoá é para nós Guarani *yvy porã* – alegria**, que nos possibilita ter *teko porã rã* – **boa vida, bom viver**. Se nós Guarani não tivermos acesso a *yvy porã* – terra boa, a gente perde *mbya arandu rã* – a sabedoria guarani (BENITES, 2015, p.22).

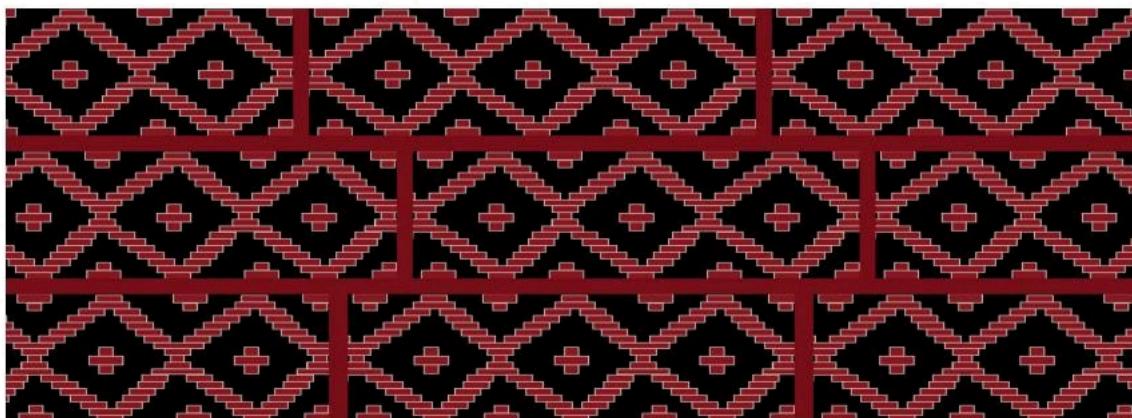


Vamos ler juntos o texto abaixo escrito por autores indígenas e não-indígenas na elaboração do "Caderno Mapa Guarani Continental" (2016):

"Os Guarani costumam afirmar: "Nós não vivemos para comprar terra, nós vivemos apenas para usá-la de acordo com nossos costumes". Para os Guarani a terra significa, em primeiro lugar, espaço de vida, um espaço onde realizam sua maneira de ser. As palavras *yvy* e *tecohá* podem ser traduzidas por terra e território. Obviamente, a terra tem sua importância como meio de produção, no sentido de poderem manter-se como grupo, para assegurar a existência de todos os familiares, mas não para acumular riquezas.

O sentido da palavra *tecohá* é "um lugar de costume e de modo de vida"; é produto da cultura e também produz cultura. **Tekó (ou teko) significa "modo de ser, modo de estar,** sistema, lei, cultura, norma, comportamento, hábito, condição, costume [...]", como se entendia já antes da chegada dos espanhóis. O *tecohá* é o lugar onde se dão as condições para ser guarani. A terra, concebida como *tecohá*, é também um espaço econômico, mas, em primeiro lugar, um lugar cultural e sócio-político. **O *tecohá* significa e produz, ao mesmo tempo, relações econômicas, relações sociais e organização político-religiosa essenciais para a vida guarani: sem *tecohá* não há teko, sem território não há vida guarani.** Entre os Guarani Ocidentais, para *tecohá* se diz tenta, que também significa pátria e aldeia.

(...) Os Guarani seguem vivendo onde sempre têm vivido, apesar das inumeráveis pressões, ameaças e mortes. A existência e a realização do modo de ser das populações Guarani é anterior à organização dos Estados nacionais atuais. O território dos Guarani – *guaraní retã* – também é anterior à criação e à conformação dos atuais países e de suas fronteiras, de fato muito recentes.



Para Kuruxu ("grafismo cobra jararaca") é um grafismo encontrado na cestaria tradicional dos Guaraní M'byá – Fotomontagem: Jornal da USP – Imagens: Reprodução/Museu da UFRGS Fonte: <https://jornal.usp.br/diversidade/palestra-apresenta-perspectivas-guarani-para-temas-como-racismo-e-branquitude/>

Esta pré-existência é reconhecida na Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, a Constituição da República do Paraguai, de 1992, a Constituição da Nação Argentina, de 1994, e a Constituição Nacional da Bolívia, de 2009. Dois exemplos: o Artigo 62 da Constituição Nacional da República do Paraguai, diz, literalmente: "*Esta Constituição reconhece a existência dos povos indígenas, definidos como grupos de culturas anteriores à formação e organização do Estado paraguaio*" (tradução livre). O Artigo 30 da Constituição boliviana, diz: "*É nação e povo indígena originário campesino toda coletividade humana que comparta identidade cultural, idioma, tradição histórica, instituições, territorialidade e cosmovisão, cuja existência é anterior à invasão colonial espanhola*" (tradução livre).

(...) O colonialismo europeu, tanto português como espanhol, explorou a mão de obra guarani, causando morte e destruição cultural. O neocolonialismo atual é ainda mais agressivo, ao expulsar os indígenas de suas terras e fragmentar seu território. A "nação guarani", como a viram os antigos conquistadores e como a chamaram os colonos europeus até o século XIX pelo menos, não desapareceu, pelo contrário, está bem vigente. O *guarani retã* não significa só uma população, um povo ou uma cidade, mas, sim, uma pátria, um país, uma nação, ou uma terra. Essa identidade fundamenta-se no *guarani reko*, um modo de ser e de proceder com características próprias. Todo o território Guarani, o solo em que pisam, é um *tekohá*, o lugar físico, a terra e o espaço geográfico onde estas populações indígenas são o que são, onde existem." (EMGC, 2016, p.9-13)



Indígena André Guarani Kaiowá na Aldeia Jaguapiro – Dourados, MS (Bruno Santiago)

Fonte: <https://diplomatique.org.br/povos-indigenas-do-cerrado-cultivando-reexistencias-diversas/>

Correspondências

No vídeo a seguir, Ilson Soares desenvolve a ideia de *tekoha* para falar dos territórios de vida dos povos Guarani. O indígena Avá Guarani foi cacique na sua comunidade na região de Guaíra, no oeste do Paraná, na época da gravação do vídeo. Ao assistir atentamente ao vídeo, realizem anotações das palavras ouvidas:



Vamos conversar?

Como Ilson fala e descreve a relação do seu povo com a terra?

Como as noções de "ser" e de "espaço" se relacionam no conceito indígena de *tekoha* narrado por Ilson no vídeo?

Quais são os elementos da vida social e da natureza que compõem a noção de *tekoha*? Como as fronteiras entre as noções ocidentais e modernas de sociedade e natureza são borradas e ultrapassadas pelo modo de ser (*teko*) dos povos Guarani?

Como podemos pensar a vida nas cidades e nas zonas rurais fazendo comparações com as noções de *yvy* (terra), *tekoha* (território) e *teko* (modo de ser)?

Agora vamos visualizar de forma interativa os locais onde diferentes povos da grande nação Guarani desenvolvem seus *tekoha*!

Após a leitura do trecho de uma reportagem de 2024, **acessem o mapa digital disponível abaixo** (com uso de conexão de internet) e procurem pelos *tekoha* dos povos Guarani.

No dia 21 de dezembro de 2023, os Avá-Guarani começaram as ações de retomada nas ***aldeias Y'hovy e Yvyju Avary***.

As áreas não possuem território demarcado e são remanescentes dos indígenas que foram expulsos da área que hoje dá espaço para o lago da Itaipu - de onde foram expulsos e sofreram remoções forçadas. Sem território e sem apoio, eles ocuparam a região do Oeste do Paraná em 17 *tekohas* e, agora, essas duas comunidades iniciaram um processo de expansão.

Logo após o início dessas retomadas, as comunidades passaram a sofrer graves ameaças e agressões por parte de grupos de não indígenas.

Nos dias 23 e 24 de dezembro do ano passado, as aldeias *Y'hovy* e *Yvyju Avary* foram atacadas com emprego de milícia rural privada. De acordo com o cacique Ilson, pelo menos 100 pessoas queimaram os barracos da comunidade e soltaram rojões. Eles também dispararam com arma de fogo, mas, felizmente, não acertaram ninguém.

Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/2024/01/12/estamos-pedindo-socorro-indigena-relata-omissao-de-autoridades-em-aldeia-atacada-a-tiros-no-parana/>

Aqui está o mapa: [https://guarani.map.as/#!/](https://guarani.map.as/#/)

Clique aqui

Sigam as instruções de navegação no mapa e respondam as questões a partir da observação:

Procurem pelo Tekoha Guasu Guavira de forma fácil digitando o nome de uma de suas aldeias que é citada acima: ***Yvyju Avary***;

No menu esquerdo, *cliquem* sobre o nome da Terra Indígena: “Tekoha Guasu Guavirá”;

Observem à esquerda lista de aldeias que existem no Tekoha Guasu Guavirá, clique nas aldeias ***Y'hovy* e *Tekoha Guarani***;

Quais informações aparecem no mapa? Quais são os dados informados sobre a população e a etnia dos habitantes das aldeias?

Há zonas de mata perto das aldeias? É possível ver casas, quintais e pátios comuns? Há escolas, casas de reza (*opy*), centros culturais e administrativos?

Avancem nas buscas pesquisando pelos termos: ***Amambai***, que é uma aldeia e também terra indígena; ***por Jaguapiru, aldeia na terra indígena Dourados***, estes territórios ficam no estado do ***Mato Grosso do Sul***;

Observem os dados informados e a proximidade destes territórios com as cidades e com regiões de produção agrícola extensiva e de monoculturas.

Sigam as instruções da atividade a seguir:

Escutar, refletir e falar: responder ao mundo que nos acontece. Estar com as pessoas. Estar com as diferenças. Correspondêr às relações e ao mundo que nos envolve. Atos que podemos exercer em encontros e contatos, por meio da atenção generosa que procura conhecimento e respeito pela vida. Conhecimento aberto à crítica e à transformação.

Uma conversa deve ser sobre trocar ideias que nos façam refletir, amadurecer, compreender a complexidade da vida e das relações que construímos com o mundo. Nos colocarmos para *aprender com as pessoas* é diferente de aprender sobre as pessoas.

Agora, ocupem um momento com a leitura de duas reportagens da imprensa e preparem-se para a troca e o debate de ideias. Dividam a turma em duas metades, uma para ler a matéria referente ao Paraná e outra para ler a matéria sobre o Mato Grosso do Sul. Se houver tempo e necessidade procurem outras fontes confiáveis de informações e notícias:

a) Paraná - matéria do Conselho indigenista Missionário (CIMI) : "Não sabemos até quando vamos continuar resistindo e existindo", afirma indígena após *tekoha* sofrer novos ataques a tiros.

Fonte: <https://cimi.org.br/2020/06/ate-quando-vamos-continuar-resistindo-e-existindo-afirma-lideranca-apos-tekoha-sofrer-ataques/>

b) Mato Grosso do Sul - Reportagem da Agência Brasil: **Áreas de retomada guarani em MS enfrentam dificuldades e violência**

Fonte:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-09/areas-de-retomada-guarani-em-ms-enfrentam-dificuldades-e-violencia>

Com a ajuda do(a) professor(a) e dos colegas, sentem em roda, formem um círculo e **promovam um debate (que pode ser um breve seminário, se preferirem) sobre a situação dos territórios em que vivem as etnias indígenas do povo Guarani no Paraná e no Mato Grosso do Sul.**

Realizem pesquisas complementares. Exponham suas dúvidas aos colegas. Apresentem dados, relatos, vídeos, notícias e consultem a Constituição Federal no que tange aos povos indígenas.

Elaborem perguntas e questões que possam ser direcionadas para a turma, procurando oferecer também as possíveis respostas. Façam do debate um momento expositivo e reflexivo, que seja investigativo e ofereça oportunidades para a construção de conhecimentos para pensarmos as diferenças e as diversidades que o tema dos territórios indígenas exige.

Façam deste momento um diálogo composto de reflexões, de posicionamentos e argumentos que se abrem para as trocas e os aprendizados.

Lembrem-se: a escola é o lugar dos erros e da construção do pensamento. As certezas podem ser questionadas e podemos nos transformar sem necessariamente estar certo ou errado, apenas por aprender algo juntos. Algumas perguntas podem ajudar o diálogo:



Quais são as dificuldades, os conflitos e as necessidades enfrentadas pelos povos Guarani nessas regiões?



Como a noção de *tekoha* e a vida tradicional dos povos Avá Guarani, Kaiowá, Guarani Nhandevá e Mbya Guarani é afetada por limitações no acesso à terra conflitos e pela violência?



Qual o papel do Estado brasileiro, dos órgãos de governos (municipal, estadual e federal) que vocês visualizam e sugerem como agentes para a diminuição da violência e a solução dos conflitos territoriais?



Foto: Tânia Rego / Agência Brasil.

Fonte:<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-09/areas-de-retomada-guarani-em-ms-enfrentam-dificuldades-e-violencia>

Movimentos

Apesar do cenário de violências e conflitos que envolvem diferentes etnias dos povos Guarani, suas ações e movimentos de resistência são muito antigos. Como vimos, o ambiente do *tekoha* resiste e emerge entre as paisagens das cidades e da monocultura agrícola no campo. O *tekoá* enquanto uma "alegria" (um sentimento que resulta de relações entre as pessoas e o ambiente dotado de diversidade) permite que os diferentes modos de ser Guarani, Avá, Kaiowá, Mbyá ou Nhandeva existam e se efetivem na busca pela vida digna e de qualidade, pelo bem-viver idealizado por estes povos.

A vida comunitária no *tekoha* possibilita a existência de um modo de conceber e viver o mundo que é compartilhado pelos Guarani, o *nhandereko*, que tem como fundamento a terra, a troca e a partilha generosa com as pessoas e os demais seres em busca do bem-viver. Vamos ouvir uma música feita na comunidade Kaiowá de Itay (Casa de reza Merenciana), próxima a Dourados, Mato Grosso do Sul. A letra da canção se refere ao *tekoha*.

Cantos da Floresta

Mamo oimẽ nde rory – Cantos da Floresta

Compartilhar2Twittar

1. **Ouçam** com atenção quantas vezes desejarem.
2. Observem a letra e a tradução, copiem, tentem pronunciar.
3. **Cantem** com os Kaiowá e divirtam-se!

Fonte: <https://www.cantosdafloresta.com.br/audios/mamo-oime-nde-rory/>

Depois de ouvir a música, considerando o que aprendemos *com* os povos Guarani até agora, **como podemos criar desenhos** a partir desse percurso? Como os textos, as vozes e as imagens se transformam em linhas e traços, em gestos que nos façam responder ao mundo Guarani que se apresenta diante de nós? Como nos conectar e dialogar com a visão de mundo e os problemas que os povos Guarani enfrentam? Quais os mapas e desenhos possíveis após a pesquisa e os diálogos realizados?

Utilizem um tempo para produzir seus desenhos considerando engajar-se nas existências dos povos Guarani, *olhar com* eles através dos seus pontos de vista sobre o mundo, a terra e os territórios.

O desenho como experimento, como invenção, pode ser uma tentativa de fazer "arte antropológica", como afirma Tim Ingold:

- (...) Unir-se às forças que dão origem a ideias e coisas, em vez de procurar expressar o que já existe, a arte antropológica concebe sem ser conceitual. Essa arte reacende o cuidado e o desejo, permitindo ao conhecimento crescer a partir do interior do ser nas correspondências da vida. (...) **a promessa da antropologia é trazer outros para a vida**, para atraí-los para o campo da nossa atenção, para que, por sua vez, **possamos corresponder com eles**.

Uma obra de arte pode ser antropológica, na medida em que fornece promessa: se serve [da existência diferente dos outros] para trazer as coisas à plenitude da presença, colocá-las "na mesa", para libertá-las das determinações de metas e objetivos. A arte que é antropológica permite que as coisas sejam elas mesmas (INGOLD, 2020, p.94-97).

Considerem também as inspirações propostas por Tim Ingold para produção de uma "antropologia gráfica":

- ✓ Tal como a vida é um processo inacabado, sempre em andamento, **a prática de desenhar, indica ele [Tim Ingold], não busca totalidades ou completudes.** (...) ele entende que, ao contrário da pintura que almejaria um sentido de conclusão, **o desenho deixa rastros, busca caminhos na sua relação com o papel**, não pretendendo o preenchimento de uma superfície. **De forma semelhante, a vida segue desenhando linhas a partir de suas relações com um mundo em constante movimento.** Uma das tarefas da antropologia gráfica seria então seguir essas movimentações, observando-as e descrevendo-as enquanto elas ocorrem.

Na medida em que o desenho deixa inscrições tanto no ambiente ao redor e na imaginação, Ingold o entende não como projeção sobre suportes e superfícies, **mas como uma forma de caminhar, gesto contínuo que liga a mente e o mundo em processos imprevistos.** Nesse sentido, **ao desenhar, vinculamos nossas próprias linhas às linhas da vida e às texturas do mundo.**

Fonte: SILVA, Jeferson Carvalho da. "Desenho - Tim Ingold". In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2022. Disponível em:
<https://ea.fflch.usp.br/conceito/desenho-tim-ingold>

Experimentem os desenhos livres, traços, gestos, cores, pinturas, contornos e preenchimentos. Soltem a imaginação e as mãos ouvindo a [música de Lucas Santanna e Gil Monte e as ilustrações da artista Lívia Serri Francoio](#).

Exponham entre si os resultados em um momento oportuno. Dialoguem sobre a utilização dos desenhos em uma exposição ou memorial temporário na sala de aula ou na escola, ou guardem-os para o próximo movimento que está por vir.

Parte III - Cultivar no mundo: plantas, alimentos e florestas

Encontros

Diante de tantas dificuldades e conflitos em seus territórios tradicionais causados pelo contato colonial com os povos europeus, a resiliência que os povos Guarani Avá, Kaiowá, Nhandeva e Mbya apresentaram merece atenção.

Diversas estratégias de sobrevivência e manutenção dos conhecimentos, do modo de vida e das línguas foram empregadas pelos povos Guarani. As resistências e esforços se manifestam, por exemplo, em suas formas de habitar e construir territórios e cultivar plantas. Carregam e transmitem suas interpretações sobre o mundo, classificam espécies de sementes e plantas, preservam suas histórias como filhos do sol (*Nhamandu*) na Terra (*yvy*) diante do contato com os *juruá* (a tradução seria "barbudo", termo utilizado para os não-indígenas).

Em muitos textos escritos por indígenas ou por antropólogos e em relatos orais de pessoas indígenas Guarani, vemos que o modo de ser (*teko*) e o modo de viver juntos (*nhandereko*) em busca de um ideal de bem-viver coletivo (*teko porã*) aparece como princípio, caminho e finalidade da continuidade de suas jornadas na Terra.



Jovem indígena Guarani faz protesto na abertura da copa do mundo de futebol de 2014 com o pedido de "Demarcação já!", São Paulo. Fonte: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/indio-estende-faixa-por-demarcacao-na-abertura-da-copa-1454/>

Para aprendermos com a visão de mundo e o modo de vida dos povos Guarani, **vamos ler abaixo um trecho do livro "Tekoá"** do escritor indígena Kaká Werá. Ele relata o diálogo com uma anciã Guarani, chamada Tijary Warejú, quando perguntou sobre o significado de *tekoá porã*:

“Eu queria saber além da palavra, pois uma tradução literal do termo "tekoá" não era o suficiente. É um termo que tem várias camadas em seu sentido, a depender do contexto. Sua tradução corrente como "lugar" é um conceito por vezes percebido de modo áspero, pois falha em capturar a profundidade exalada pela essência desse substantivo quando dito na língua tupi-guarani.

Quando "tekoá" se entrelaça com a palavra "porã", cujo significado depende de sua dança a partir daquilo que se enuncia – pode ser traduzida como "beleza" ou "sagrado" –, juntas, "tekoá-porã" ressoa uma filosofia ancestral que encapsula **a arte do bem-viver**. Uma sabedoria que decorre de trilhas milenares de mais de três mil anos de percurso civilizatório que ligaram o Atlântico ao Pacífico, o leste ao oeste do vasto continente que seria chamado de América pelos futuros invasores, deixando como registro a rota do Peabiru, uma imensa via mítica ancestral que forma uma coluna geográfica ligando o extremo dos Andes até a Mata Atlântica, no atual Sul do Brasil, onde a partir dela se estenderam inúmeros caminhos. Neles circularam incontáveis povos ao longo dos últimos quatro mil anos.

(...) Vozes trocando histórias e mãos trocando presentes. Povos seguindo fluxos como rios em suas certeiras jornadas da nascente à foz, formando territórios móveis, delimitados pela paisagem e pela força da coesão das comunidades estabelecidas em iluminadas clareiras. Povos que, quando se encontravam, entrelaçavam ideias, artes e saberes. Entre eles, os Aymara, os Quéchua, os Guarani, cujas vozes forjaram com o tempo um conjunto de princípios, práticas sagradas e éticas comunitárias que ganhou ressonância e nome em cada uma dessas culturas: "sumak-kawsay" para os Quéchua; "suma-qamana" para os Aymara; e **"tekoá-porã" para os Guarani – a arte do bem-viver**.

Foi nas práticas de **reciprocidade, cooperatividade e gratuidade** que ancestralmente ocorriam nos aty-guaçus (grandes reuniões intertribais), que produções de arte, artesanato e alimentos típicos de cada cultura eram trocados como uma espécie de rito conectivo que integrava as diferenças: que inspirara os valores éticos que desde então iriam resultar nos princípios do bem-viver, sintetizados no reconhecimento da necessidade de cuidar de três aspectos indissociáveis para haver uma existência saudável, fluida e plena:

O lugar interior.

O lugar como uma entidade coletiva chamada comunidade..

O lugar que o indivíduo ocupa no mundo

Era isso que a memória de Tijary Warejú queria dizer nas suas reticências quando seus olhos voltaram para o agora. Ela começou a me responder inicialmente com gestos, apontando a mão para o coração, depois girando suavemente o dedo para demonstrar o espaço em que nos encontrávamos e terminando por apontar para as pessoas que circulavam na aldeia. Depois falou algumas palavras em guarani, fazendo o movimento da cabeça em minha direção e apontando o dedo para minha testa, meu coração e meus pés ao dizer que para conseguir manifestar o bem-viver era necessário adquirir:

O bem-pensar.

O bem-sentir.

O bem-fazer.

(...) Quando constatamos que toda uma civilização humana, com alto grau de inteligência e desenvolvimento tecnológico, faz de seu lugar – o único que tem para viver – um palco de destruição, exploração doentia, superprodução de lixo e veneno em suas águas, seu solo e seu ar, no mínimo poderíamos ficar surpresos e nos perguntar: "Como é que chegamos até aqui". Parece que é como se tudo que nós, como humanidade, fizemos na Terra não nos afetasse direta e profundamente.

O distanciamento provocado pelo dia em que transformamos a Mãe Terra em planeta fez com que perdêssemos a noção de que o lugar pessoal, o ambiente e o coletivo humano funcionam como um só corpo. Era isso que Tijary Warejú queria dizer quando fez os gestos.

(...) O tekoá-porã passou a ganhar força nestes tempos de caos social e ecológico global como uma forma de resistir a um modelo de desenvolvimento predatório e excludente. Não se trata de uma teoria ideológica ou sociológica para contrapor uma visão dominante. Para cumprir a proposta do bem-viver é necessário retomá-lo a partir do fio da meada de sua origem histórica ancestral, compreendê-lo como síntese de uma soma de experiências de diversas culturas, e não a construção de um conceito teórico. (WERÁ, Kaká. 2024, p. 18-23)



"A confissão da onça", 2021, pintura do artista indígena do povo Macuxi, Jaider Esbell (1979-2021). Fonte:
<https://www.kanazawa21.jp/data\list.php?g=126&d=232>.

O *tekoá-porã* compreendido como uma filosofia para o bem-viver implica em relações de convivência entre seres humanos, outras espécies e o ambiente em interações e correspondências contínuas, em pertencimentos mútuos, em constantes transformações.

Um dos fundamentos do modo de vida dos povos Guarani Mbya, Kaiowá, Avá e Nhandeva, passa pelo **cultivo de plantas e alimentos**. A agricultura guarani envolve o estabelecimento de relações com as plantas para conhecê-las, ouvi-las e transformá-las em fonte de vida e alegria, como dizem os Guarani. Elas compõem a visão de mundo dos povos Guarani que, como seres humanos, partilham com os animais e demais seres vivos uma origem comum. Resultam de um mesmo desdobramento originário. Todas as espécies têm origem comum.

Abaixo podemos ver como o cineasta indígena Carlos Papá (2023) descreve o surgimento do universo e dos seres vivos a partir de uma linguagem vegetal e botânica própria da visão de mundo Guarani:

- "Há milhares e milhares... só havia o escuro. Há milhares e milhares, a **escuridão era absoluta**. O escuro primigênio era um manto que cobria tudo. No meio do curso do escuro, surgiu Nhanderu Tenonde, o Nosso Pai Primeiro. Ele – também conhecido como Nhamandu Ru Ete ou Nhamandu Tenondegua – **aflorou como uma semente. Desabrochou-se. Criou-se a si mesmo**.

Ainda no escuro, **seu corpo germinou dançando como um broto flexível, suas mãos eram como ramos floridos que arvoravam um cetro**. As flores de seu *kapyxiā* (coroa ou cocar) eram feitas de penas de aves sagradas, adornadas com gotas de orvalho. **Entre as corolas do cocar voava o pássaro originário *maino'i*, o beija-flor**. Nhanderu Tenonde não enxergava trevas, pois era iluminado pela luz do próprio coração, mensageiro do dia. No meio da escuridão, surgiu *urukure'a i*, a coruja, mensageira da noite escura.

Ainda no escuro, Nhanderu Tenonde criou a fala, *ayvu rapyta*, o fundamento da palavra. Criou também o sol, seu filho Nhamandu. (...) A escuridão, então, é como a mãe do universo. A escuridão é a responsável por todos estes surgimentos: o universo, o deus Nhanderu Nhamandu, a Terra, as florestas e também nossos corpos.

Tudo que nasce é como um broto. Tudo que brota, dança: *ojeroky*. Assim, dançando, as coisas surgem e crescem. O termo guarani *-jeroky* é traduzido como "dança", mas, se nos aprofundamos em sua raiz, **significa "desabrochar-se como uma nova semente"** (*-je* = reflexivo, *-ro* = flexão verbal da 1^a pessoa; *-ky* = broto novo). **A nova semente germina na escuridão do subsolo e dela desponta a raiz que vai se propagando. Aparece a primeira folha que, dançando, precisa sair do subterrâneo em busca de luz**. Com nossos corpos acontece o mesmo: precisamos dançar para sair do ventre materno em direção à luz."

- (...) É profundo o vínculo dos Guarani – e dos povos indígenas em geral – com as florestas e os vegetais. É interessante notar, no entanto, que na língua guarani não existe um termo específico do vocabulário equivalente a planta ou flora, no sentido de seres pertencentes ao reino vegetal, como na Biologia. Existe uma classificação própria das comunidades vegetais e ambientais, que depende de aspectos ecológicos, características morfológicas, formas de utilização, entre outros.

No livro *Mbaé kaá tapyiyetá enoyndaua* [A botânica e a nomenclatura indígena], publicado originalmente em 1905, o naturalista João Barbosa Rodrigues manifestava seu encanto pela sistemática e pela taxonomia indígenas, explicando que a "aplicação da inteligência indígena no reino vegetal" não classifica só pelas formas (como fez inicialmente Carlos Lineu, considerado o "pai da taxonomia"), mas também pela função e pelo uso, entre outros, com um tato que demonstra uma grande intimidade com os vegetais."

Fonte: <https://piseagrama.org/artigos/jeroky-a-danca-do-broto/>



Foto: Luiza Calagian, Bruna Keese e Julia Tranches e integram o livro "Ara Pyau", de Jera Guarani, publicado em Brasília pelo Centro de Trabalho Indigenista, em 2021 Fonte: <https://piseagrama.org/extra/misturado-igual-a-gente/>

Os conhecimentos e saberes construídos historicamente pelos povos indígenas com plantas e vegetais, experimentando e transmitindo seus usos e funções, constituem um patrimônio e um sistema vivo de técnicas e tecnologias que produzem a vida conforme a sua visão de mundo. São saberes e práticas inerentes ao seu modo de vida que possibilitam que seus modos de ser, habitar e existir coletivamente possam se reproduzir.

Um repertório de atos e técnicas utilizadas na preservação e circulação de espécies de sementes e plantas que fazem com que os Guarani carreguem o *nhandereko*, um modo de vida que implica em formas de conhecimento e relações, como um tesouro que atravessou a história da violenta colonização europeia e das missões jesuíticas na América do Sul.

O bem-viver para os povos Guarani fundamenta-se pelo cuidado com o lugar e a comunidade em que se vive. A diversidade de alimentos e plantas amplia a possibilidade de trocas, de práticas de generosidade e reciprocidade que constituem os sentidos de viver bem consigo mesmo, com o ambiente e com os outros seres humanos e seres vivos que habitam a Terra.

Vamos ler trechos do texto elaborado por antropólogos e indígenas no material "Os agricultores guarani e a atual produção agrícola na Terra Indígena Tenondé Porã Município de São Paulo"(2020):

- ⓘ **Os Guarani são célebres por sua agricultura.** Tal fama pode ser encontrada em diversas fontes, desde os cronistas do século XVI, como o viajante alemão Ulrich Schmidel [entre os anos 1534-1554], que registrou a fartura agrícola guarani, da qual o início da colonização europeia na bacia do Paraná muito se aproveitou, até os escritos etnológicos clássicos de Egon Schaden, já em meados do século XX, sobre uma "religião do milho" que vigoraria entre eles (Schaden [1954]1962: 50). Não há, no entanto, como reconstruir com precisão as características da produção agrícola dos Guarani dos séculos passados, menos ainda dos grupos pré-coloniais. **O que se sabe é que da abundância que marcava de forma predominante a agricultura guarani do passado**, sustentando diversas experiências históricas, como as missões jesuíticas – celeiro agrícola de sua época –, **atravessou-se a penúria causada pelo contínuo e intenso esbulho territorial a que os Guarani foram submetidos no avançar da colonização.** Arrasados por epidemias, continuamente expulsos de suas áreas, pequenos grupos guarani seguiam levando consigo suas sementes tradicionais em busca de refúgios em zonas menos devastadas de seu vasto território tradicional, as terras úmidas ao longo da porção meridional da Mata Atlântica.



Ilustração: "Buenas Aeres" de Vera historia , 1599, de Ulrich Schmidel (1510?-1579?). US 2257.154*, Biblioteca Houghton , Universidade Harvard.

Fonte:en.wikipedia.org/wiki/Ulrich_Schmidel#/media/File:Houghton_US_2257.154\-\Buenas_Aeres.jpg

O ***nhandereko***, modo de viver guarani, constitui o conjunto de práticas e saberes que os Guarani guardam como um tesouro, assim como as sementes de seus cultivos. É por meio desses ensinamentos, protegidos e reproduzidos entre as gerações, que se encontra novamente a potência de sua agricultura que, tão resiliente quanto seu povo, insiste em continuar florescendo. Assim, é possível identificar em diversas expressões de seu modo de vida tradicional, elementos que demonstram o profundo enraizamento da prática do plantio na cultura guarani." (KEESE; OLIVEIRA, 2020, p. 16-17)

Esse modo de vida que se expressa com a noção de *nhandereko* carrega consigo um sujeito coletivo, "nossa jeito de viver", que é em si um patrimônio imaterial de saberes e técnicas com os quais se produzem materiais, como objetos e alimentos, e as relações sociais, como as práticas econômicas, agrícolas, as formas de parentesco e moradia, as danças e os rituais.

Quando os Guarani usam a palavra *nhandereko* (nosso *teko*), estão falando do modo de vida coletivo do seu povo. Às vezes, isso é traduzido como "nossa cultura", mas vai muito além disso (Ramos, 2020). Segundo as pesquisas de Keese e Oliveira (2020) um importante aspecto do *nhandereko* enquanto modo de vida Guarani é o valor dado à generosidade. Conforme diferentes traduções propostas por indígenas e não-indígenas, o termo *mborayvu* pode ser traduzido como "generosidade". Trata-se de uma forma de conceber e realizar a convivência coletiva. Ela motiva a produção, a partilha e a circulação dos bens, dos presentes, das trocas e doações para que haja abundância em comunidade:

- ⓘ Segundo as lideranças e os mais velhos, *mborayvu* é o próprio fundamento da vida comunitária, e deve ser cultivado por todos os Guarani como modo ideal de relação entre as pessoas. A capacidade de compartilhar alimentos, bem como o espaço ao redor do fogo, os mutirões, caracterizado pela prática de realizar trabalhos para os demais, de compartilhar ensinamentos por meio de palavras e de ações, e tudo mais que envolve produzir coletivamente um território, é a virtude mais enaltecida de uma liderança guarani. Portanto, a motivação principal na prática da agricultura entre os Guarani deve ser buscada tendo em vista esse diferente contexto de valoração." (KEESE; OLIVEIRA, 2020, p. 18)

Um modo de orientar e organizar a vida social, a circulação de bens e conhecimentos e favorecer a partilha, evitando a escassez e o acúmulo de bens por meio da troca na comunidade (objetos, trabalho, conhecimentos, alimentos, acolhimentos). Em termos sociológicos e políticos é o que motiva a solidariedade social, a constituição de laços ou relações sociais entre as pessoas e os grupos, os elos e vínculos de pertencimento. Como vimos acima, um "fundamento da vida comunitária" que atravessa diversas práticas e saberes, como a agricultura.

Como descreveu Kaká Werá (2024) no trecho que lemos antes, são ancestrais as "práticas de reciprocidade, cooperatividade e gratuidade" que fundamentam a forma dos Guarani construírem noções específicas de ser humano, comunidade e ambiente.

A partir da origem primordial comum dos seres vivos, podemos entender que o bem-viver dos Guarani e suas práticas de cuidado e reciprocidade, orientados pelo bem-pensar e bem-fazer, se estendem aos ambientes em que vivem e aos demais seres neles habitam.

A reciprocidade e o companheirismo denotam uma ética e uma filosofia dos Guarani para estar no mundo, se relacionar e produzir coisas, habitando espaços que não são de exclusividade humana. São valores e atitudes que orientam todas as relações dos Guarani com os seres e o mundo.



Correspondências

Vamos assistir ao curta-metragem abaixo, produzido em 2018, para conhecer como uma comunidade na capital de São Paulo consegue produzir diferentes espécies de milho, um alimento considerado sagrado na cosmologia dos Guarani. Sendo um dos mais importantes exemplos da milenar e diversificada prática agrícola entre os povos Guarani, o plantio do milho em suas variedades de espécies, cores e formas possui valor social para a vida coletiva das comunidades. Valor este que não é mensurável, inclusive impedindo sua venda por razões éticas e religiosas.

Ao assistir ao vídeo, façam desenhos e anotações para o registro de palavras, ideias e memórias sobre o filme: "Avaxi Ete'i - o milho verdadeiro":



<https://www.youtube.com/watch?v=Vivn8lV6ues>

Dialoguem e reflitam sobre os elementos que mais chamaram a atenção de vocês no filme de curta-metragem.

Como os indígenas do vídeo descreveram a importância do milho na vida da comunidade?

Foram apresentadas outras espécies de milho? Vocês sabiam que existem muitas espécies de milho, batatas, mandiocas e macaxeiras? Quais são elas, como observar e conhecer as diferenças?

Já refletiram sobre a importância do patrimônio alimentar que os povos indígenas do continente americano legaram à humanidade a partir de conhecimentos milenares como o dos Guarani?

Procurem exemplos e anotem os nomes de plantas e alimentos que herdamos dos povos indígenas, como o milho e a mandioca, quais preparos e receitas estão presentes em nossas vidas.



Milhos tradicionais guarani – *Avaxi ete'i*. Foto: Lucas Kees. Fonte: <https://teiadospovos.org/tenonde-pora-autonomia-e-diversidade/>

- 1 Vamos localizar a aldeia Tekoa Itakupe citada no vídeo anterior utilizando o Mapa **Guarani** Digital ou <https://guarani.map.as/#!/>
- 2 Digitem "Itakupe" no mapa.
- 3 Observem a aldeia Itakupe onde foi gravado o vídeo que assistimos sobre o plantio das variedades de milho Guarani como parte do processo de reconstrução dos territórios tradicionais, os *tekóá* Guarani.
- 4 No menu à esquerda cliquem sobre o nome da terra indígena "**Jaragua**". Observem as outras aldeias dessa terra indígena e a proximidade delas com os bairros da cidade de São Paulo e municípios da região metropolitana.
- 5 Vamos localizar no mesmo mapa **Guarani** Digital a aldeia **Kalipety** na Terra Indígena Tenondé Porã, no extremo sul da cidade de São Paulo. É para lá que vamos olhar a seguir.

- ⓘ A Terra Indígena (TI) Tenondé Porã abriga hoje seis aldeias do povo Guarani Mbya. Quatro delas estão no extremo sul da cidade de São Paulo, nos distritos de Parelheiros e Marsilac e outras duas no município de São Bernardo. No outro lado da cidade, zona norte, está a Terra Indígena Jaraguá, lugar de mais quatro aldeias. (Nakamura, 2016)

Fonte: <https://trabalhoindigenista.org.br/tenonde-pora-os-muitos-anos-de-luta-por-reconhecimento/>

Vamos ler a seguir o trecho de uma reportagem realizada em 2022, sobre a diversidade agrícola que resultou da recuperação, a demarcação e regularização do território indígena Guarani das aldeias da zona sul da cidade de São Paulo:

Hoje, no território, são encontradas mais de 200 variedades livres de qualquer transformação gênica. Entre os cultivos ancestrais e pré-coloniais replantados, estão nove tipos de milho, quinze de batata-doce, quatro tipos de amendoim — um preto e outro grande com linhas vermelhas —, feijão, erva-mate, pinhão, a chamada "caninha Guarani" (uma cana bem fininha), e várias frutas nativas da Mata Atlântica como juçara, araçá, jaracatiá, cambuci e pitanga, a maioria ameaçada de extinção cultural e ambiental. E seguem multiplicando.

Havia um mito que o milho, ou *avaxi*, base da alimentação Guarani, não dava naquela terra. Atualmente, por sua vez, ele é encontrado em múltiplos tamanhos e cores, como azul, vermelho, branco, preto e mesclado.

As muitas variedades de cada um dos alimentos tradicionais, segundo a mitologia Guarani, mostram como as divindades criaram o mundo, desdobrando uma espécie a partir da outra, tornando-as eternas pela renovação. Considerado sagrado, o milho passa por inúmeros rituais e bênçãos desde o plantio, quando se canta para os grãos, até a colheita, momento em que a aldeia se junta para festejar e comer junto.

Fonte: <https://brasil.mongabay.com/2022/06/como-os-guarani-de-sao-paulo-estao-voltando-a-plantar-seus-cultivos-ancestrais/>



Ara Márcia da Silva e Jerá Poty Mirim debulhando milho seco na aldeia Kalipety. Foto: I

Vamos conhecer um pouco mais das estratégias de vida e manutenção do _nhandereko, o modo de vida coletivo que permite que os povos Guarani façam da terra seus _tekoá (tekoha_). A fala da pedagoga indígena Jerá Poty, ao descrever a relação de sua comunidade com as plantas e alimentos, nos informa sobre a visão de mundo compartilhada pelo povo Guarani. Vejamos o que ela nos conta no vídeo a seguir sobre a aldeia Kalipety



AGRICULTURA GUARANI

YouTube

Guarani recuperaram cultivos ancestrais na maior metrópol...

Na cidade de São Paulo, indígenas Guarani conseguiram recuperar terras degradadas antes usadas para a monocultura de eucalipto...

07:06

Link para o vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=lzKeUDGqVYc>

Dialoguem sobre a agricultura Guarani apresentada nos vídeos. Falem sobre os aspectos que mais chamaram a atenção e **façam anotações e desenhos** acerca do que ouviram, viram e aprenderam.

Movimentos

Percebemos nos vídeos anteriores a importância dos cultivos tradicionais para os povos Guarani. Os indígenas mencionaram, por exemplo, os cultivos de diversidades de *avatxi ete* (milho) e de *djetý* (batata doce), que acompanham suas roças de abóbora, amendoim, feijão e mandioca.



Foto: Comitê Interaldeias. Fonte: <https://teiadospovos.org/tenonde-pora-autonomia-e-diversidade>

Além da diversidade de cultivos em seus plantios, faz parte da visão de mundo Guarani a diversidade dos seres nas florestas e nos rios, ambientes com seus próprios alimentos e formas de convivência entre as espécies.

O conhecimento dos povos indígenas sobre as florestas e suas espécies de plantas e alimentos é profundo e diverso. Ouvimos deles a importância de conhecer as frutas e ervas das matas e poder cultivá-las e cuidá-las para que não faltem e componham a dieta tradicional de suas comunidades.

Uma descanso: vocês já observaram a beleza de uma Pitanga e da sua árvore, a pitangueira? Ocupem um momento para perceber suas formas, cores e sua árvore.



Foto: Terra da Gente. Fonte: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/terra-da-gente/noticia/2018/10/02/frutificacao-da-pitangueira-tem-inicio-na-primavera.ghtml>

E já repararam na beleza do pinhão? No sul do Brasil, o pinhão, a semente da Araucária – árvore conhecida como pinheiro-do-Paraná, é fonte importante de energia para povos indígenas Guarani, Kaingang e Xokleng. Abaixo vemos as sementes maduras da Araucária: o pinhão é um alimento indígena e contemporâneo.



Fonte: <https://www.idrparana.pr.gov.br/Noticia/Colheita-de-pinhao-e-liberada-no-Parana>

Abaixo trazemos uma nuvem de palavras com nomes de frutas cuja origem está em línguas indígenas. Muitas delas do tronco Tupi, o mesmo das línguas Guarani. Façamos os seguintes exercícios:



1 Observem as palavras; leiam e vocalizem os nomes das frutas.

2 Façam pesquisas de imagens com os nomes das frutas abaixo e observem seus formatos, cores, sementes, cascas, bem como as folhas e os troncos das árvores.

3 **Escolham ao menos uma fruta e criem desenhos** que respondam à diversidade das roças e florestas indígenas e tragam à nossa presença as suas formas e cores, suas matas e pomares, suas folhas, galhos, troncos e ambientes para dentro da sala de aula. A arte é livre, é autocritica e possui uma narrativa, um argumento.

4 Quem quiser, pode escrever algo sobre essa fruta, seja de forma poética, científica ou uma curiosidade encontrada em pesquisa.



Feito com: <https://infogram.com/>

Esta atividade foi inspirada no diálogo do cineasta Mbya Guarani Carlos Papá com Ivanildes Kerexu e Cristine Takuá gravado para o "Selvagem - ciclo de estudos sobre a vida." O vídeo todo pode ser assistido em outro momento no canal do Ciclo Selvagem: <https://www.youtube.com/watch?v=qNMZJdBYxm8>

Parte IV - habitar e caminhar no mundo com plantas, arte e antropologia



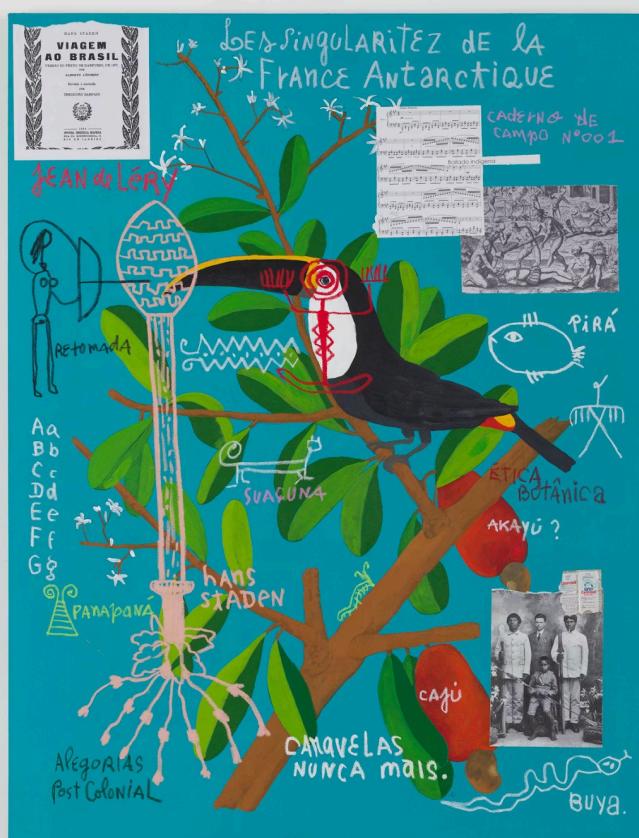
Pintura de Jaider Esbell "A dimensão humana" (2013). Fonte: <https://www.premiopipa.com/pag/jaider-esbell/>

Encontros

Os vínculos que os povos indígenas estabelecem com os ambientes em que vivem formam conhecimentos e criam tecnologias. Eles expressam formas de conceber o mundo e maneiras de habitá-lo. Tecnologias da floresta, ciências da vida. Podemos acompanhar essas linhas de vida, corresponder aos seus movimentos e promover encontros entre perspectivas de mundo.

A ciência contemporânea está em movimento. Diversas áreas do conhecimento questionam como a ciência, formada pelos paradigmas iluministas e modernos, centralizou o ser humano como espécie excepcional e hierarquicamente superior às outras espécies. Animais e plantas, fungos e bactérias foram e são vistos como elementos naturais que se tornam objeto de uma percepção de natureza pela qual os humanos podem tomar posse de outros seres e controlar os ambientes em que vivem.

Os sujeitos detentores do conhecimento racional presumiram a superioridade de algumas formas de ver, sentir e compreender o mundo. Essa racionalidade e vontade de controle não impediu que outros humanos fossem objetificados, comercializados e segregados pelo pensamento eugenista e racista da escravidão colonial europeia. Assim, visando o progresso dos conhecimentos e o desenvolvimento de tecnologias e da humanidade, a ciência ocidental esteve comprometida com um modo de ver o mundo que, hoje, percebemos, com a ajuda de muitas ciências e dos conhecimentos tradicionais dos povos originários, diminuiu a diversidade natural e cultural, causou danos aos ambientes da Terra e a nós seres humanos.



O pensamento colonial se espalhou pela força da expansão tecnológica da Europa pré-moderna, que teve na apropriação e controle do vento como força motriz para navegar a marca do seu ideal de domínio sobre as forças da natureza (a racionalidade que pretendia controlar o vento e explorar os mares). As plantas foram importantes personagens da colonização europeia que devastou florestas e alterou biomas, extinguindo espécies vegetais e animais, em busca de matéria-prima para o desenvolvimento das metrópoles.

A colonização, como vimos pelo exemplo dos povos Guarani, ocorreu com violências contra povos indígenas da América e outros povos africanos e asiáticos. Milhões de pessoas foram escravizadas, milhares de pessoas foram mortas, centenas de formas de conhecimento e modos de vida acabaram apagados e alterados violentamente. Ainda assim muitos povos mantiveram seus conjuntos de saberes e técnicas para viver coletivamente como um povo.

Outras centenas de plantas foram dizimadas, tantas outras domesticadas e introduzidas em novos biomas, alterando ambientes e relações, impactando o solo, animais e os insetos. Podemos pensar na cana-de-açúcar e no processo de plantação extensiva que formou zonas imensas de monocultura agrícola no Brasil e no Caribe, assim como ocorreu com o algodão nos Estados Unidos.

A resistência dos povos indígenas, das plantas, florestas e manguezais diante de tantas mudanças devastadoras merecem nossa atenção. Somos seres que dependemos das plantas para existir. A existência da nossa espécie humana só é possível nesta Terra porque elas respiram e mantêm viva e oxigenada a Biosfera onde está a atmosfera que respiramos. Além disso, sabemos da importância das plantas para a nossa alimentação, moradia, vestimenta e fonte de energia. A visão de mundo e das necessidades humanas que reduzem os elementos naturais, como as plantas, à noção mercadaria, como “materia-prima” para o trabalho e produção de bens, encontra vozes dissonantes nas ciências indicando que podemos ir além e aprender muito mais com as plantas. Para isso é preciso alterar a percepção botânica e a forma como conhecemos as plantas para perceber a inteligência vegetal presente nas estratégias de habitação e de cooperação das plantas, seus modos de convivência com outros seres vivos bem como suas participações na reprodução das suas e de outras vidas. O que podemos aprender com as plantas se mudarmos nossa maneira de compreendê-las?



“Entidades”, Jaider Esbell, instalação inflável, 1700 cm X 150 cm de diâmetro, 2020. Fonte: <https://fcs.mg.gov.br/proposta-artistica-e-de-militancia-de-jaider-esbell/>

O filósofo italiano Emanuel Coccia (2025) assume o ponto de vista de uma árvore e cria uma alegoria que lhe dá voz no texto “Vocês devem estar surpresos ao me ouvir falar”:

"Vocês devem estar surpresos ao me ouvir falar. Vocês sempre nos imaginaram desprovidas de inteligência, linguagem e empatia.

Vocês só são capazes de pensar em mim como uma matéria-prima para construir o seu mundo.

Na sua opinião, fomos e continuamos a ser obsoletas pedras verdes, zumbis minerais amarronzados; na melhor das hipóteses, manchas verdes nos limites da sua visão. Mas eu estou viva. Tanto quanto os animais de estimação ao seu redor. Provavelmente, até mais intensamente viva do que eles.

Vocês passaram os últimos anos, décadas, tentando reconhecer os direitos dos animais: estenderam seus privilégios humanos a eles.

Agora, nós estamos reivindicando esses direitos. Afinal de contas, 90% da biomassa deste planeta é matéria vegetal.

Nós estamos vivas.

(...) O fato de eu ser capaz de me livrar de partes do meu corpo deve ser incompreensível para vocês: vocês guardam cuidadosamente cada centímetro do seu corpo, porque, se o perderem, não podem cultivar outro. Eu jogo fora porque posso reconstruir tudo.

Os seres vegetais podem dizer “eu”, mas fazemos isso de um modo diferente do de vocês. Cada uma de nós é perfeitamente capaz de saber o que está acontecendo ao nosso redor e de distinguir entre o exterior e o interior, entre o mundo e o não mundo. Assim, cada uma de nós é autoconsciente e capaz de se comunicar com outras árvores, especialmente as que pertencem à mesma espécie.

(...) Meu corpo está com vocês e nas suas vidas, das formas mais inesperadas. Sou a cadeira em que vocês se sentam, a mesa que usam para escrever, seu armário, suas estantes, mas também as suas ferramentas mais comuns e extraordinárias.

Estamos tanto dentro quanto fora de vocês. Basta respirar: o oxigênio contido no ar que vocês inalam a todo momento é apenas um subproduto do nosso metabolismo e, no entanto, vocês só estão vivos por conta desses resíduos da nossa existência. Respirar significa mergulhar na nossa vida e ser penetrado por nossos “eus” aéreos. Cada respiração é uma comunhão íntima conosco.

Nosso corpo inteiro é construído com base na energia que vem de fora do sistema fechado que vocês chamam de Terra. Obtemos nosso alimento do Sol. Para nós, construir um corpo significa captar energia das estrelas. Toda árvore ou planta é, portanto, um agente de assimilação da matéria extraterrestre no corpo mineral de Gaia. É somente por meio de nosso ato de digestão cósmica que vocês conseguem assimilar nutrientes

Espero que, a esta altura, esteja claro: somos nós que fabricamos a condição para a sua existência. Nós não somente criamos o meio que vocês habitam: foi para agarrar melhor nossos galhos que vocês aprenderam a opor o polegar aos outros dedos; e foi para compreender melhor a profundidade do campo visual (uma habilidade fundamental para os que vivem entre nós) que vocês favoreceram a presença de dois olhos na mesma superfície do rosto. O verde ainda é a cor que vocês percebem com mais contrastes: poder distinguir entre um fundo de folhas e predadores era uma questão de vida ou morte para seus ancestrais. Vocês só desenvolveram a “impercepção botânica” porque não representamos qualquer ameaça para vocês.

Vocês sempre falam sobre o domínio do fogo, pois foi esse o elemento que fez sua técnica e sua civilização crescerem enormemente. Entretanto, foi sempre o nosso sacrifício que tornou possível a existência do fogo. Nós lhes ensinamos o que é técnica e tecnologia. Fomos nós – e não a pedra ou o metal – quem sempre lhes ofereceu o material e a forma das suas primeiras invenções.



(...) Fomos nós que lhes ensinamos sobre a vida comum e estável – isso que vocês chamam de cidade. E foi para permanecer fiel à nossa existência que vocês começaram a se estabelecer em um lugar específico abandonando o nomadismo. A vida urbana só existe em oposição a nós, porque as cidades existem apenas enquanto não forem florestas. Mas não há nenhuma cidade que possa ser construída sem se apoiar em nós, esculpindo-se em nossa anatomia, mesmo que vocês prefiram o tijolo ou o cimento à madeira.

Um mundo feito apenas de pedra é, tecnicamente, um deserto, e a fúria mineral do homem só pode levar à desertificação do planeta.

A madeira não é apenas um tecido morto que dá estrutura. Ela é também, e acima de tudo, um arquivo histórico do clima da Terra. É por isso que não somos alheios à sua cultura: somos os arquivos do clima, que registram cada pequena variação no ambiente, estamos anotando aquilo que vocês fazem. Vocês só precisam prestar mais atenção à nossa linguagem, à forma como nos comunicamos, a como nós somos.”

O texto foi elaborado por Emanuele Coccia como roteiro da videoarte ***Quercus*** (2020), produzido por Formafantasma (Milão, Itália). A tradução é de Marcos Moraes (2025) O vídeo integrou a exposição "Dancing With All: The Ecology of Empathy [Dançando com tudo: a ecologia da empatia]", no Museu de Arte Contemporânea de Kanazawa, no Japão, que contou com cocuradoria de Emanuele Coccia. O texto completo pode ser acessado em: <https://selvagemiclo.org.br/wp-content/uploads/2025/06/CADERNO105\ EMANUELE COCCIA.pdf>. A imagem acima é da Serra do Mar no Paraná. Fonte: <https://www.sedest.pr.gov.br/Noticia/Parana-e-o-Estado-que-tem-maior-remanescente-da-Mata-Atlantica>

Correspondências

Tudo é atravessado pelo sol e pela vida. Essa é uma forma acessível de compreender o conceito de Biosfera.

Assim como outros povos, também carregamos interpretações científicas e culturais, éticas e religiosas acerca do que é a vida, do que são os seres na Terra e de como ocorrem nossas relações.

No vídeo a seguir vamos observar como a vida dos seres vivos acontece em complexas relações de correspondência com o sol e as plantas. Vamos refletir como diferentes conhecimentos nos ajudam a compreender que nós, seres humanos, somos parte dessas relações. Compreender a biosfera como "o supraorganismo onde vivemos, onde tudo interage e forma essa fina camada radiante." (KRENAK, 2021, p.10)

A voz do narrador é do escritor indígena e membro da Academia Brasileira de Letras, Ailton Krenak. Esse vídeo é a versão audiovisual dos "Cadernos Selvagem - Flecha 2: O Sol e a Flor" do Ciclo de Estudos Selvagem. O termo selvagem aqui é utilizado em oposição ao que é domesticado e controlado, ou seja, refere-se ao que nos escapa do controle, ao que é livre e permite criações, associações e comparações.

Segundo Krenak e equipe, o vídeo têm inspiração no livro *Biosfera*, de Vladimir Vernadsky (Dantes, 2019), "que trata da Terra como uma esfera de vida em atividade contínua e ininterrupta. Uma bela narrativa que envolve raios cósmicos, poeiras de estrelas, seres transformadores de energia solar e matéria verde" (Krenak, 2021, p.1).



Link: https://www.youtube.com/embed/_jVxOs70hpQ?rel=0

O texto completo narrado no vídeo pode ser acessado em: <https://selvagemciclo.com.br/wp-content/uploads/2021/08/CADERNO29.pdf>



Dialoguem sobre as compreensões e percepções que tiveram com o vídeo.



Quais as referências utilizadas na narrativa apresentada?



Como os conhecimentos científicos e conhecimentos tradicionais dos povos indígenas são utilizados?



Como as plantas são abordadas no vídeo? Qual a sua importância para a biosfera conforme a narrativa do vídeo?



Recuperem metáforas sobre as plantas e a vida na terra utilizadas no vídeo.
Assistam ele todo mais um vez ou, se for preciso, retomem o vídeo a partir do minuto 5" até o minuto 6".



Como esse vídeo pode ser inspiração para criar arte com a antropologia (se for preciso retome a página 22)? Criem desenhos para responder e dialogar com as ideias apresentadas no vídeo destacando o papel das plantas para a vida na Terra.

Movimentos

É hora de brotar novas ideias, desabrochar novas formas, desdobrar nossos pensamentos. Criar novos elementos com linguagens artísticas que possamos chamar de "arte antropológica", arte que traga as coisas à vida como elas mesmas são.

Ao longo deste material, as leituras dos textos e a audição dos vídeos possibilitaram o encontro com as visões de mundo dos povos Guarani e a escuta de vozes indígenas. O vídeo anterior (*O sol e a Flor*), o texto de Emanuel Coccia que deu voz às árvores e o texto a seguir são nossas fontes de inspiração para nos colocarmos em movimento para criação de instalações artísticas ou arte-instalação.

A instalação será uma forma de **experimentar a arte como linguagem sensorial, coletiva e interativa**, permitindo a fusão de **desenhos, pinturas, vídeos, áudios, luzes, objetos, textos, movimentos e performances**. Vamos nos inspirar!

No texto a seguir, Izaque João, escritor indígena Kaiowá e pedagogo, apresenta o surgimento do mundo e a criação dos diferentes seres e ambientes a partir do ponto de vista Kaiowá. Segundo ele, de um desdobramento do Sol todos os seres vieram à Terra, cada ser vivo recebeu um modo de ser, viver e agir em seus espaços determinados:

(...) No momento da origem, a divindade definiu para cada ser seu espaço de vida, seu território/hábitat, seu comportamento e sua função na Terra, sua língua, sua alimentação, sua forma de caminhar, etc. Todas as ações e normas sociais foram estabelecidas no tempo-espelho primordial.

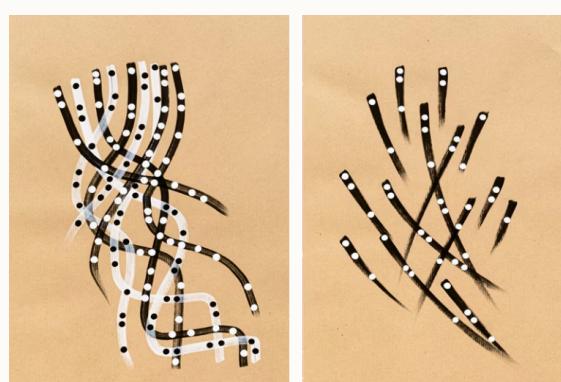
(...) Durante a constituição inicial do cosmos, **cada espaço foi reservado de forma específica para cada espécie, segundo sua condição e função**. Cada ambiente é, então, considerado pertencente a um tipo de ser particular, quer dizer, é seu espaço destinado originalmente. Se há espaços de convivência compartilhados e superpostos pelos seres, existem territórios que lhes foram designados especialmente. É possível atravessar e se locomover por esses espaços específicos sem, com isso, se apropriar deles. **Nós, Kaiowá, sabemos, portanto, que cada animal e cada vegetal tem seu ambiente, sua forma própria de agir, de se alimentar, de se movimentar e de se comunicar.**

(...) No mundo subterrâneo, as plantas, por meio de suas raízes, se entrelaçam umas às outras como uma forma de cooperação mútua e para manter o equilíbrio para a convivência coletiva.

Na origem, todos os seres tinham forma humana. Houve, no entanto, um ponto crítico e crucial nos primórdios em que plantas e animais foram dotados de "roupas" que ocultaram sua característica originária. Os *ñanderu* [rezadores kaiowá] contam que o que vemos, com nossos olhos, aqui no plano terrestre, como planta, árvore ou animal, na realidade tem forma humana no *yvy rendy* [plano divino]. As mesmas árvores que vemos aqui, se fossemos lá, do outro lado do mundo, no além da Terra, no *yvy rendy*, as enxergaríamos como pessoas que caminham, mas o seu andar não é igual ao dos animais ou ao dos humanos. A caminhada vegetal é considerada a mais bonita.

(...) O que diferencia plantas e animais dos humanos foi estabelecido no seu princípio de vida, o que os Kaiowá denominam *ohekokuaa*, a própria sabedoria sobre seu modo de ser, de viver, de gerar conhecimento, de agir, de se comportar e se comunicar.

As plantas são seres especiais desde o começo dos tempos. Na superfície da terra, elas influenciam todos os outros seres e, no mundo subterrâneo, também interagem com os seres que ali habitam. As plantas precisam de terra para poder nascer, crescer e firmar suas raízes. Se a biologia entende que para o desenvolvimento das plantas elas precisam de uma terra boa, no nosso modo de pensar há outras questões a serem consideradas.



O finado rezador Lício Toriba, com quem conversei bastante, me explicou o que é a raiz das plantas. **A raiz se esparrama debaixo da terra, onde se encontra com outras raízes.** As plantas não ficam isoladas nem sozinhas, porque senão elas ficam muito tristes. Quando as raízes se entrelaçam, elas fortalecem umas às outras. Lício me disse que nós também somos assim. Quando ficamos sozinhos, ficamos tristes, mas quando temos outras pessoas para conversar, dialogar e intercambiar, conseguimos viver felizes. **A raiz fica debaixo da terra para que as plantas possam se comunicar entre si** – é dessa forma, *omohekorã*. É "assim que foram criadas".

As folhas também têm suas especificidades. Elas caem e têm seu barulho próprio.

Aparentemente, é algo insignificante ver uma folha cair e fazer barulho. No entanto, **essa também é uma forma de comunicação suave.**

(...) Seu movimento não é apenas movimento, é também uma forma de dançar.

Galhos de árvores se esfregam uns nos outros produzindo sons que, às vezes, são advertências. **Todas essas falas das plantas e das árvores** que conseguimos ouvir, mas não entender, são o *yvyra ayvu*, ou a **linguagem das árvores**. Ou *ka'aguy ayvu*, a linguagem da mata.

(...) As plantas têm sua própria forma de comunicação, bem diferente da nossa. Na mata, temos a oportunidade de escutá-las. As árvores podem nos indicar perigo através de barulho. Quando criança, eu ia para a mata com meu pai, ele compreendia o que as árvores nos falavam. Ele me explicava que era perigoso passar debaixo de certas árvores, dependendo do movimento e do barulho que faziam. Eram as próprias árvores que estavam nos alertando.

(...) No caso do urucum, o seu canto primordial – chamado *yruku arekory* – possibilita o fluxo de reciprocidade entre vegetais e humanos de forma harmônica. Se o canto não for feito ou se for proferido de forma errada, isso pode ter algum tipo de implicação, resultando em um desequilíbrio social cuja gravidade pode variar. O urucum, então, tem o poder de transformar o ambiente e para tanto deve existir um diálogo reiterado com ele, feito através dos cantos. **Apesar das mudanças climáticas que o mundo vem enfrentando, as fases da lua, a estação chuvosa, o canto de alguns pássaros e das cigarras, a floração do ipê e a mudança da posição do sol seguem orientando a agricultura das famílias tradicionais kaiowá.** Os cantos de certos pássaros nos orientam, funcionando como um calendário.

Reconhecendo-os, podemos saber qual é a estação do ano, se é período de plantio ou ainda não, se já passou a época de frio no inverno, se é uma época boa com muitos peixes no rio, se vai ter um vento forte. Tem quem reconheça até a chegada da tempestade pelo canto das aves.

Fonte: <https://piseagrama.org/artigos/lingua-vegetal-guarani/>

Produção de instalações de arte

Vamos pesquisar e responder com trabalhos criativos de instalação as questões a seguir: como podemos criar arte antropológica a partir da visão de mundo dos povos Guarani? Se for preciso consulte sobre Tim Ingold na página 22. Como apresentar outras visões de mundo e formas de vida e questionar nossos modos de ver, conceber, cultivar e conviver com as plantas? Como podemos propor novas percepções, reflexões e sentimentos ao fazer as plantas falarem por meio da instalação de arte? Quais sons, imagens, aromas, sensações as plantas podem provocar? Como o conhecimento e as relações que os povos Guarani têm com as plantas apresentam seus pontos de vista sobre o mundo e a vida?



"Os Jabutis retornam à maloca" (2024) de Gustavo Caboco. Foto Julia Thompson. Fonte: <https://www.premiopipa.com/gustavo-caboco/>

A proposta é criar **instalações de arte** (ou arte-instalação e instalações artísticas) individuais ou coletivas como forma de apresentação e expressão dos assuntos estudados.

Vamos tentar trazer às presenças dos colegas na escola os elementos que encontramos nas leituras e vídeos sobre os povos Guarani; provocar reflexões sobre o que percebemos e aprendemos com os povos indígenas Guarani e as plantas; e dar vida, através da arte, aos nossos conhecimentos, sentimentos e críticas por meio de diferentes linguagens e recursos artísticos em uma exposição na sala de aula ou na escola.

Entendemos a instalação como um arranjo estético de objetos, montados a fim de produzir significados para o observador. Um tipo de arte que utiliza o espaço como tela, como ambiente a ser criado ou modificado pela arte.

Diferente de uma pintura ou uma escultura, em que somos apreciadores e espectadores, uma instalação de arte nos convida a viver e corresponder à arte. Podemos entrar na obra, explorar e sentir o ambiente criado pelo artista, observar de diferentes ângulos e, em alguns casos, interagir com elementos da montagem ou do ambiente.



"Tropicália" (1967) de Hélio Oiticica (1937 -1980). Fonte: <https://www.culturagenial.com/helio-oiticica-obras-compreender-trajetoria/>

Algumas instalações **convidam o público a tocar ou mudar partes da obra, enquanto outras provocam a escuta de sons, a visualização de vídeos, a caminhada por ambientes**, a interação com luzes ou a agir e tomar atitudes, produzir ações (podem ser jogos, interações não apenas humanas e correspondências). As instalações fazem a gente pensar sobre o mundo e sentir diferentes emoções. É um modo de tornar o público parte da obra. É uma alteração na ordem e no uso cotidiano dos objetos e dos ambientes onde se instalaram.



"Área Indígena" deo artista indígena Mbya Guarani, Xadalu Tupã Jekupé . Fonte: <https://www.premiopi.jekupe/>

Abram os vídeos a seguir e confiram duas instalações montadas na 35^a Bienal de São Paulo realizada em 2023 com o Tema "Coreografias do Impossível":

Vídeo da instalação "Samesyn" (2023) de Igshaan Adams da África do Sul:
<https://www.youtube.com/watch?v=05iubdDWmjQ>

Vídeo da instalação "O espaço físico pode ser zona de disputa, convenções e certezas falíveis" (2023) do geólogo, professor e artista brasileiro Rommulo Vieira Conceição:
<https://www.youtube.com/watch?v=u2PWcGSZjjY>

A produção artística de instalações tem uma história que compõem as dinâmicas da inovação, da crítica e da mudança nas formas de produzir, circular e conviver com as artes.

No século XX as instalações artísticas e as performances surgiram como formas de confundir, misturar, ultrapassar e romper as fronteiras entre as linguagens das artes (como escultura, pintura, cinema, dança e o teatro). Assim, conceitos e noções clássicas e tradicionais das linguagens das artes e determinados senso éticos e estéticos passaram a ser questionados.

Da arte como objeto a ser admirado pelo público espectador, para objetos de arte que podem sugerir interações e imersões. De elementos estáticos para coisas em movimento; de objetos vistos como eternos ou duradouros para obras e expressões efêmeras. As artes e os senso éticos e estéticos passaram por confrontos, inovações e reformulações.



Os museus e exposições também questionaram o papel passivo dos espectadores e refletiram isso de diversas maneiras em suas formas de montar e dispor, mas também pela inserção de instalações em seus espaços. Isso não significou o fim dos museus clássicos, nem tampouco a falta de interesse do público por tradições da pintura e escultura, ou por museus históricos e arqueológicos. O movimento da arte contemporânea ampliou as linguagens artísticas criando duas novas expressões que podem ocorrer juntas: as instalações artísticas e as performances.



"Divisor" criado 1968 por Lygia Pape (1927-2004), em performance no Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro, 1990. Fonte: <https://www.metmuseum.org/perspectives/iria-candela-on-lygia-pape>

As instalações e performances desenvolveram perspectivas e estilos e possuem diversas formas de apresentação. As instalações de arte alteraram a noção de ambiente, aprofundaram as reflexões sobre o espaço urbano e nossas formas de se relacionar com objetos e ter contato com as artes.

As instalações misturam pinturas, esculturas, objetos, montagens, colagens, iluminação, vídeos, sons, aromas, tato, experiências sensoriais e cognitivas.

Uma performance pode ocorrer em uma instalação e uma performance pode dar origem à uma instalação permanente ou temporária.

Artistas brasileiros como Hélio Oiticica, Lygia Pape, Cildo Meireles, Denilson Baniwa e Jaider Esbell são exemplos de artistas que se destacaram com projetos de instalação de arte. Eles são inspirações como tantas outras que podemos encontrar realizando pesquisas sobre essa linguagem das artes. Não precisamos vê-los como modelos em busca de copiar ou representar suas obras, nossa proposta é de criar e apresentar coisas novas que tragam às nossas presenças a vida dos povos Guarani e das plantas.

Os desenhos produzidos por vocês em outras atividades deste material podem ser utilizados para compor uma ou mais instalações.



"Kwena/Amanhecer", do artista indígena Denilson Baniwa, na 35ª Bienal de São Paulo "Coreografias do Impossível" (2023)

Foto: Levi Fanan. Fonte: <https://35.bienal.org.br/participante/denilson-baniwa/>



Abaixo indicamos algumas ações que precisam ser feitas por vocês para a realização dos trabalhos:

Refletir sobre a importância do trabalho coletivo, seja para montar uma única instalação ou para conviver em uma exposição coletiva.

Decidir coletivamente se a turma fará uma única instalação composta pelas ideias e trabalhos de todos, ou se farão trabalhos em grupos e/ou individualmente que vão se reunir em um evento expositivo da turma.

Escolher o tema da instalação ou da exposição composta por diferentes instalações.

Esboçar com anotações e desenhos o projeto da instalação: a ideia principal, **as formas de arte a serem utilizadas na composição (desenho, pintura, escultura, música, teatro, dança, videoarte, etc)** e os objetos que serão criados ou utilizados na montagem; se houver a utilização de vídeos ou áudios, o roteiro do elemento audiovisual a ser criado, ou da performance a ser gravada (na escola ou fora dela).

Planejar quais serão os materiais e recursos utilizados para alcançar as linguagens artísticas esperadas na composição da instalação (materiais recicláveis, galhos, folhas, lápis, papelão, tecidos, latas, tintas, desenhos, pinturas, esculturas, estruturas de arame, madeira, cordas, barbantes, lâmpadas, vídeos, áudios, fones de ouvido, caixinhas de som, celular, câmeras, televisão, monitor, internet)

Debater e deliberar com a professora ou o professor a viabilidade do projeto e a segurança da sua montagem para a comunidade escolar (devem observar questões acerca da limpeza do espaço expositivo e da conservação da estrutura física da escola, prezar pela segurança dos colegas e dos visitantes, observar questões elétricas da sala e da escola, tomar cuidado com o uso de projetores e equipamentos eletrônicos).

Refletir com a ajuda do/a professor/a sobre a responsabilidade ética do artista sobre suas criações e com o uso de elementos que não sejam de autoria própria (um objeto, uma pintura, uma imagem, um vídeo, um trecho de uma obra literária ou de um filme, o uso de informações históricas) sendo obrigatório o uso de referências artísticas, bibliográficas e audiovisuais.

Priorizar o uso de material autoral, de criação própria e exclusiva. Mesmo que usem trechos de músicas, ou de outros vídeos e filmes, que os recortes utilizados sejam parte de um trabalho de composição criativa. Debater com o professor a utilização de ferramentas de inteligência artificial para produção de imagens e recursos audiovisuais, sendo obrigatório indicar o uso dessas ferramentas explicitamente.

Se for necessário acessem o vídeo do artista Gustavo Caboco e assistam como ele fala da curadoria de sua exposição e dos processos de criação e significados:

<https://www.youtube.com/watch?v=St-HmvZrwRM>

Criem! Celebrem a escola como ambiente propício para conhecer as diversidades do mundo! Utilizem o precioso tempo escolar como oportunidade de experimentar a arte, criar coisas novas e construir conhecimentos que nos conectem à vida! Divirtam-se!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Manoel de. **O livro das ignorâncias**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

BENITES, Sandra. **Nhe'ẽ, reko porã rã: nhemboea oexakarẽ. Fundamento da pessoa guarani, nosso bem-estar futuro (educação tradicional): o olhar distorcido da escola**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015

BENITES, Tonico. **Royerky hina ha roike jevy tekohape**. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, n. 12, p. 18-25, ago. 2018. Disponível em: <https://piseagrama.org/artigos/royerky-hina-ha-roike-jevy-tekohape/>

BRASIL DE FATO. Estamos pedindo socorro: indígena relata omissão de autoridades em aldeia atacada a tiros no Paraná. São Paulo: Brasil de Fato, 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/01/12/estamos-pedindo-socorro-indigena-relata-omissao-de-autoridades-em-aldeia-atacada-a-tiros-no-parana/>

CIMI – Conselho Indigenista Missionário. *Não sabemos até quando vamos continuar resistindo e existindo, afirma liderança após tekoha sofrer novos ataques a tiros*. Brasília: CIMI, 2020. Disponível em: <https://cimi.org.br/2020/06/ate-quando-vamos-continuar-resistindo-e-existindo-afirma-lideranca-apos-tekoha-sofrer-ataques/>

DANTES, A. KRENAK. A. **Ciclo Selvagem. Flecha 2: O Sol e a Flor**. In: **Selvagem Ciclo de Estudos**. Disponível em: <https://selvagemiclo.org.br/comunicacoes/en/flecha-2-o-sol-e-a-flor-subtitulo-dialogos-cosmicos>

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

INGOLD, Tim. **Antropologia, para que serve?** Petrópolis: Vozes, 2019.

INGOLD, Tim. **Antropologia e/como educação**. Petrópolis: Vozes, 2020.

JOÃO, Izaque. **Língua vegetal guarani**. Revista PISEAGRAMA, Belo Horizonte, edição especial Vegetalidades, p. 46-53, set. 2023. Disponível em: <https://piseagrama.org/artigos/lingua-vegetal-guarani/>

KEESE, Lucas; OLIVEIRA, José Eduardo. **Os agricultores guarani e a atual produção agrícola na Terra Indígena Tenondé Porã Município de São Paulo**. São Paulo: Centro de Trabalho Indigenista, 2020. Disponível em: https://trabalhoindigenista.org.br/wp-content/uploads/2020/12/AgriculturaGuarani_14mb.pdf

LITTLE, P. E. **Os conhecimentos tradicionais no marco da intercientificidade**. In: LITTLE, Paul E. (org.). **Conhecimentos tradicionais para o século XXI: etnografias na intercientificidade**. São Paulo: Annablume: 2010.

RAMO, Ana Maria. “**Nos tempos antigos nhanderu soube qual haveria de ser nosso futuro teko**”: tempo, troca e transformação entre os Guarani. São Paulo: Revista de Antropologia. Universidade de São Paulo. V.63, n.1, 2020.

SILVA, Jeferson Carvalho da. **Desenho – Tim Ingold**. Enciclopédia de Antropologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2022. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/conceito/desenho-tim-ingold>

VERA, Anai; Papá, Carlos. Jeroky, a dança do broto. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, edição especial Vegetalidades, p. 132-141, set. 2023.

WERÁ, Kaká. **Tekoá**. Rio de Janeiro: BestSeller, 2024.

REFERÊNCIAS ICONOGRÁFICAS

AGÊNCIA BRASIL. Foto: Tânia Rêgo. Áreas de retomada guarani em MS enfrentam dificuldades e violência. 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-09/areas-de-retomada-guarani-em-ms-enfrentam-dificuldades-e-violencia> (<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-09/areas-de-retomada-guarani-em-ms-enfrentam-dificuldades-e-violencia>)

AGRICULTURA RS. Foto: Divisão Indígena DDAPA/SEAPDR. Aldeia Guabiju, da etnia Mbya Guarani no Rio Grande do Sul. 2020. Disponível em: <https://www.agricultura.rs.gov.br/aldeias-guarani-receberao-plantio-de-6-mil-mudas-florestais-e-recuperacao-de-areas-degradadas> (<https://www.agricultura.rs.gov.br/aldeias-guarani-receberao-plantio-de-6-mil-mudas-florestais-e-recuperacao-de-areas-degradadas>)

BRASIL DE FATO. Capítulo 5 – O que é tekoha. Youtube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zflkdjp2XyM> (<https://www.youtube.com/watch?v=zflkdjp2XyM>). Acesso em: 10 de junho de 2025.

CARTA CAPITAL. Foto: [Autor não identificado]. Índio estende faixa por demarcação na abertura da Copa do Mundo 2014. 2014. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/indio-estende-faixa-por-demarcacao-na-abertura-da-copa-1454/>

BISCHOF, Eduardo Silveira. Nuvem de palavras. Imagem gerada por inteligência artificial: MidJourney, 2025.

MIDIA NINJA. Foto: Lalo de Almeida. Queimadas criminosas no Pantanal observadas pelo povo pantaneiro. 2020. Disponível em: <https://midianinja.org/historias-do-pantanal/>

MONGABAY, Guarani recuperam cultivos ancestrais na maior metrópole do Brasil. Youtube, São Paulo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lzKeUDGqVYc>. Acesso em 01 de julho de 2025.

MOURA, Chana de. Ilustração. Teko porã: o sistema milenar educativo de equilíbrio. Mandala Lunar, [S.I.], 2023. Disponível em: <https://www.mandalalunar.com.br/cultura-regenerativa/teko-pora-o-sistema-milenar-educativo-de-equilibrio/> (<https://www.mandalalunar.com.br/cultura-regenerativa/teko-pora-o-sistema-milenar-educativo-de-equilibrio/>)

PIXABAY. Malha. 2019. Disponível em: <https://pixabay.com/pt/illustrations/rede-vime-fio-tecido-malha-440737/>.

PÚBLICA. Foto: Leandro Barbosa. Crianças Avá-Guarani na Terra Indígena Tekoha Guasu Guavirá, em Guaíra (PR). 2025. Disponível em: <https://apublica.org/2025/01/o-branco-matou-mamae-os-traumas-pos-ataque-aos-ava-guarani-no-pr/> (<https://apublica.org/2025/01/o-branco-matou-mamae-os-traumas-pos-ataque-aos-ava-guarani-no-pr/>).

WERA'I, Thiago Carvalho. Avaxi Ete'i – Milho verdadeiro. Youtube, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Vivn8lV6ues> (<https://www.youtube.com/watch?v=Vivn8lV6ues>). Acesso em: 10 de junho de 2025.